REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

NÚMERO DEDICADO AOS ESTILOS MANUELINO E BARROCO

PANORAMA

número

38

Aqui se aconselha...

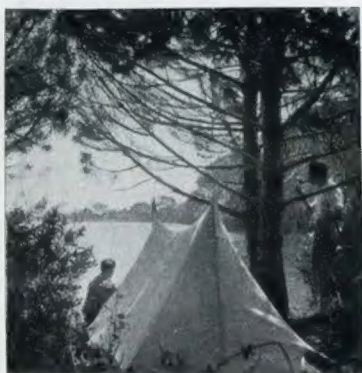
SE vai adquirir um lustre em cristal da Boémia, vidro Murano, bronze ou ferro forjado, não se decida por qualquer, sem ver primeiro os que se vendem nos estabelecimentos de JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, LDA., na Rua do Ouro, 166 a 170, e na Rua da Vitória, 82 a 88, em Lisboa. Esta casa procede, ainda, a instalações frigoríficas, eléctricas e de iluminação, aquecimento, sanitárias, ventilação e refrigeração, etc.

MAIS LUZ E MENOR CONSUMO é o que os consumidores de energia eléctrica pretendem obter e sem saber como. Mas, nada mais fácil! Resume-se afinal a plena satisfação dêsse desejo no uso das lâmpadas TUNGSRAM KRYPTON. Esta lâmpada deve, sem dúvida, ser preferida, não só pela sua extraordinária economia de consumo, mas, também, porque dá uma luz intensa e brilhante.

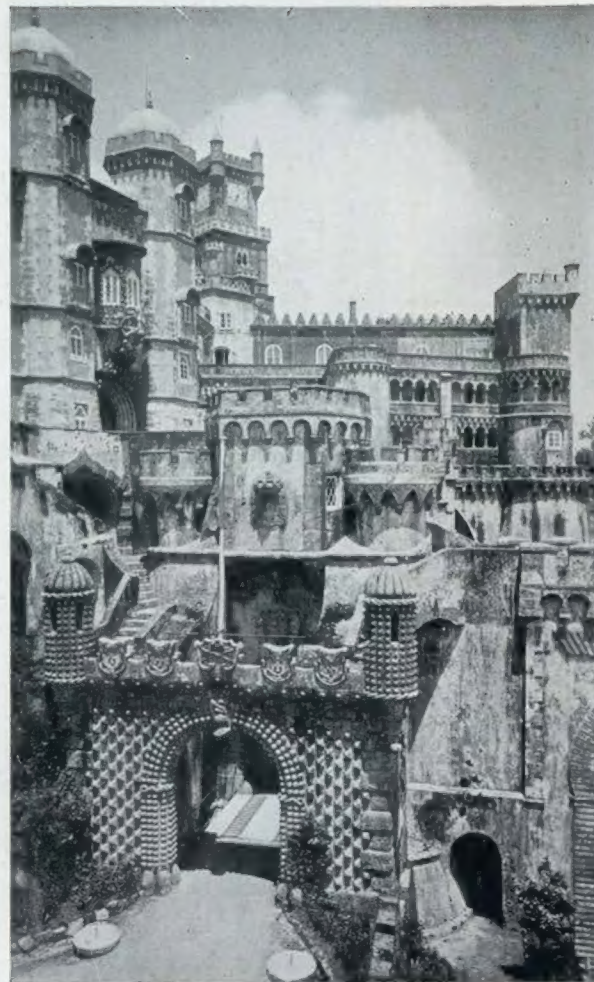
OUVIR perfeitamente no teatro, na igreja, nas conferências ou em qualquer ocasião é o que permite a todos os surdos o novo aparelho americano de audição TELEX com amplificação ELETRÓNICA. Agente exclusivo para Portugal e Espanha A. MENDES OSÓRIO, técnico em Prótese Auditiva, Av. Almirante Reis, 229, 4.º, esq., Lisboa — Telefone 73331.

É sempre preocupação a escôlha de um brinde valioso que se deseja oferecer. Aqui o aconselhamos a que visite a OURIVESARIA CORREIA, na Rua do Ouro, 245-247, em Lisboa, onde pode escolher entre a enorme variedade de filigranas, pratas e jóias de fino gôsto, o brinde com que deseja presentear a pessoa da sua amizade. Variedade, qualidade, economia... — Veja primeiro as montras e entre. Verá que logo encontra o que deseja, a preços acessíveis.

que leia, veja e compre

A CASA VIEIRA CAMPOS (antiga Casa Figueiredo), da R. da Prata, 215, não é especializada só em material ligeiro para Campismo. Também já firmou o seu nome na construção de material de acampamentos, fornecendo importantes empresas coloniais e as principais Missões Científicas às Colónias. Tudo para campismo e acampamentos de longa duração, encontra-se em boas condições de preço e qualidade na Casa Vieira Campos, de Lisboa.

NO PAPEL DE CARTA que se utiliza na correspondência, pode-se avaliar muitas vezes o bom gôsto e a distinção de quem escreve. Para não perder tempo a escolher aquêle de que deve servir-se, aqui aconselhamos a preferir o das marcas NAU, NACIONAL e ERNANI, qualquer dêles de óptima qualidade e excelente apresentação. São marcas registadas de MECO, LDA., L. Rafael Bordalo Pinheiro, 20 a 25, em Lisboa e R. das Flores, 14-1.º, no Pôrto.

O ENXUGADOR «TANK», que já provou indiscutìvelmente a sua utilidade e facilidade de uso — demonstra-o a enorme venda que tem — é o mais moderno tipo de mata-borrão para secretária. Assim, aqui se aconselha a quem ainda não se serve do ENXUGADOR «TANK» que não deixe de experimentá-lo. E então nunca mais deixará de ter um TANK na sua mesa de trabalho.

HELVETIA — VELOX — GRETA, são os nomes de três marcas de lâminas suíças para barbear. A magnífica qualidade do aço empregado no seu fabrico dá bastante duração a estas lâminas. Vendem-se de diferentes modelos para os diversos tipos de máquinas. Pedidos a Azevedo & Pessi, Lda., Rua Nova do Almada, 46, Lisboa, Telef. P. A. B. X. 2 9879.

TRABALHANDO PARA O PRESENTE E PARA O FUTURO

À

PHILIPS

É uma organização ao serviço das classes e dos homens. Nos progressos comprovados através dos seus 58 anos de experiências constantes, a PHILIPS mantém sempre o seu lema

S E R V I R

ferrania

A PELÍCULA QUE NUNCA FALHA

J.C. ALVAREZ, L.DA
TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA
205-RUA AUGUSTA-207-LISBOA

SOB TODOS OS ASPECTOS

- LINHAS
- PERFORMANCE
- ECONOMIA
- CONFORTO
- RESISTENCIA
- ESTABILIDADE
- VELOCIDADE

VAU 1949

VAUXHALL

impõe-se!

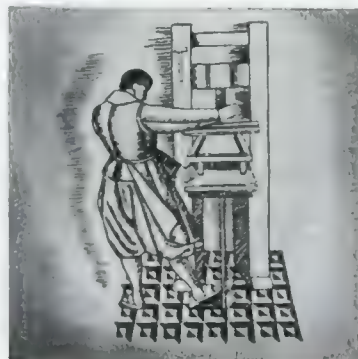
Em poucas palavras, é impossível inumerar as vantagens e aperfeiçoamentos que os novos modelos VAUXHALL de 4 e 6 cilindros apresentam. Todos os pormenores, mesmo os mais insignificantes, foram cuidadosamente estudados para que nada faltasse. São mil e um pequenos nadas mas que, no conjunto, representam aquilo que o automobilista de hoje exige e encontra no VAUXHALL. – UTILIDADE – CONFORTO – PERFEIÇÃO. Peça uma demonstração sem compromisso.

Vauxhall GM
DOIS GRANDES NOMES
DUPLA GARANTIA

Concessionários em todos os distritos do país

GENERAL MOTORS OVERSEAS CORPORATION

LISBON BRANCH.

Aqui se aconselha...

A excelência dos trabalhos gráficos depende sobretudo de: Estilo e estado do material tipográfico; Qualidade e apropriação de papéis; Conhecimento profundo e prático dos serviços de composição e impressão; gôsto e criteriosa conjugação dos vários elementos utilizados pela oficina nos trabalhos que executa. De tudo isto dispõe a OFICINA GRÁFICA, LIMITADA, R. Oliveira, ao Carmo, 8 — Telef. 22 886 — Lisboa.

ESTA fotografia é de um bonito azulejo decorativo, da acreditada FÁBRICA DE CERÂMICA VIUVA LAMEGO, LDA., no largo do Intendente, 14 a 25, em Lisboa. Nesta fábrica, que foi fornecedora das Exposições Internacionais de Paris e de Nova York, executa-se enorme variedade de azulejos de padrão artístico (género antigo), louça regional, faianças artísticas, vasos de louça para decoração e ainda louça de barro vermelho, manilhas e outros acessórios.

VAI renovar os interiores da sua casa? Vai decorar uma casa de campo ou de praia? Ou talvez pretenda oferecer um brinde de «bom gosto»! Então sugerimos-lhe que vá apreciar a grande variedade de excelentes FERROS ARTÍSTICOS — candeeiros, mesas, candelabros, cinzeiros, grades, etc. — executados e em exposição na SERRALHARIA ARTÍSTICA DE VICENTE JOAQUIM ESTEVES, na Rua das Amoreiras, 88, em Lisboa.

JUVÉNIA, o melhor restaurador da juventude dos cabelos, é um magnífico preparado cujo uso lhes restitui a primitiva côr, quando já grisalhos ou brancos. É, assim, JUVÉNIA um produto de grande valor e utilidade, que também evita a caspa e a queda do cabelo, ao qual conserva tôda a sua vitalidade. O uso de JUVÉNIA não tem o menor perigo. Não mancha a pele, não suja o cabelo e não acarreta as complicações do emprêgo de tinturas mal preparadas.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA, 45, 1.º - TEL. 3 2531 - LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

NÚMERO 38 ★ ANO de 1949 ★ VOLUME 7.º

CAPA: ESTATUA BARROCA DE D. AFONSO HENRIQUES, NA SALA DOS REIS DO CONVENTO DE ALCOBAÇA (SÉC. XVIII). EXTRAS-TEXTO A CORES DE ALBANO NEVES E SOUSA E JORGE BARRADAS. FOTOGRAFIAS DE ANTÓNIO CASTEL-BRANCO, ARTUR PASTOR, DULCE PERESTRELLO, HORÁCIO NOVAES, JOSÉ PALHA, MÁRIO NOVAES E ROBERT G. SMITH.

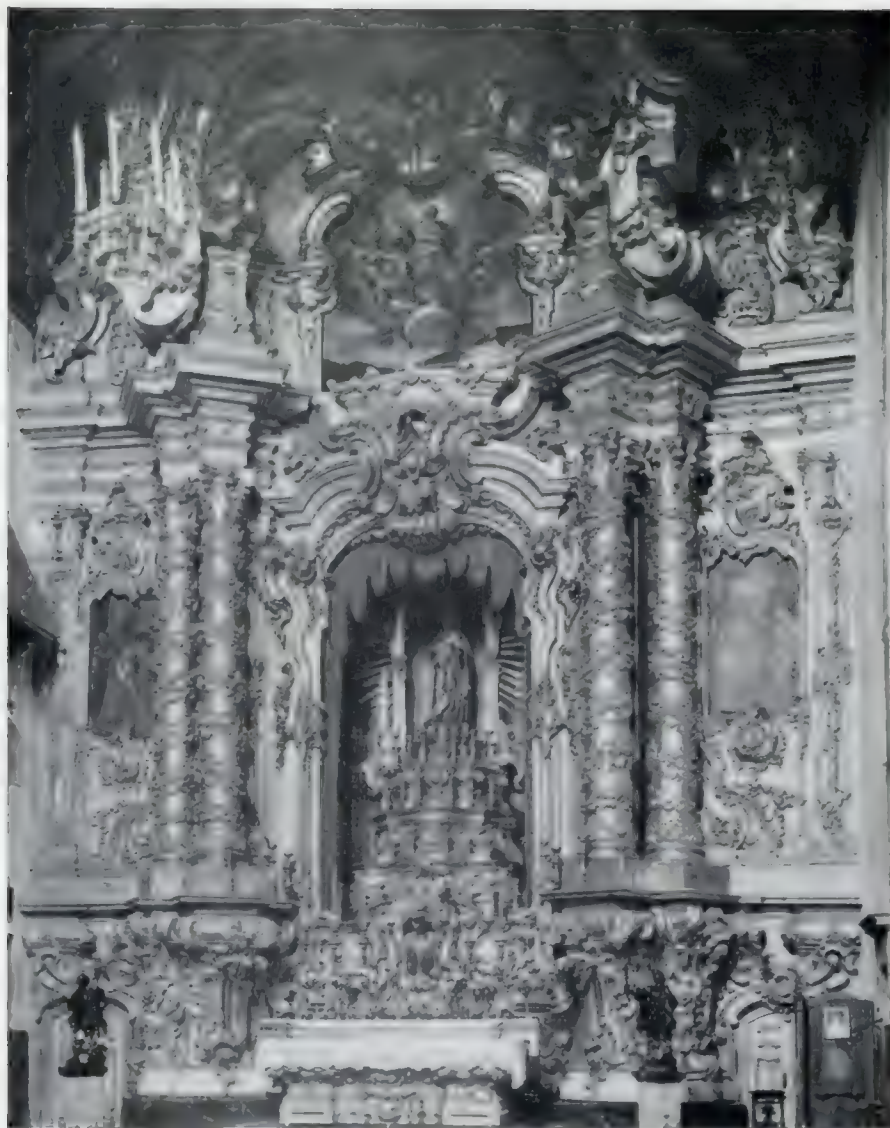
Condições de assinatura para 6 números: Portugal (Continente, Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas), Espanha e Brasil: 60$00 — Estrangeiro: 85$00 — Distribuidor no Brasil: Livros de Portugal, Lda. — Rua Gonçalves Dias, 62, Rio de Janeiro

Capa: Litografia de Portugal — Fotolitografias: Litografia de Portugal, Fotogravura Nacional e Litografia Amorim — Gravuras: Bertrand, Irmãos, Lda e Fotogravura Nacional, Lda. — Composição e Impressão: Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade

PREÇO: 10$00

Aos numerosos acontecimentos nacionais que no decurso dos últimos vinte anos têm evidenciado, pela sua significação e ressonância além-fronteiras, a vitalidade cultural do País, vem agora juntar-se a realização, em Lisboa, do XVI CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DE ARTE.

Este facto, cujo interesse e oportunidade seria ocioso relevarmos, fará incidir mais uma vez as atenções dos estudiosos sobre os valores dominantes do nosso património artístico e, em particular, sobre aqueles em que mais fortemente se imprimiram os caracteres diferenciados do nosso génio criador: — os monumentos arquitectónicos do MANUELINO e do BARROCO.

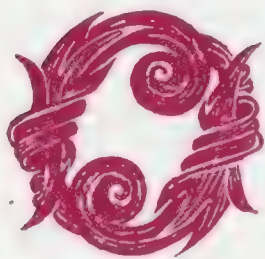
Com os artigos iniciais do presente número — assinados por quem, desde há muito e com indiscutível competência, se dedica ao estudo desses dois ciclos proeminentes da História de Arte Portuguesa — deseja a revista PANORAMA contribuir, na medida das suas possibilidades, para que fique memorável o importante acontecimento.

Altar de N.ª S.ª do Rosário, na Igreja de São Domingos de Viana do Castelo.

A ARTE BARROCA DE PORTUGAL E DO BRASIL

por

ROBERT C. SMITH

PROFESSOR DE HISTÓRIA DE ARTE DA UNIVERSIDADE DE PENSILVÂNIA

ARTE BARROCA DE PORTUGAL E DO BRASIL

O estilo barroco, que nos séculos XVII e XVIII dominou na Europa e na América, teve em Portugal e seu Império uma das suas manifestações mais atraentes e, até agora, menos conhecidas. Criada em muitos casos por arquitectos e escultores estrangeiros, a arte barroca portuguesa funde-se com as velhas tradições nacionais, para formar uma nova expressão através de influências francesas, italianas, espanholas e austríacas. Revela-se, sobretudo, nas fachadas das igrejas, nas portadas das casas e na exuberância espontânea da talha dourada dos altares.

As origens do barroco português encontram-se nos elementos do estilo italiano da Contra-Reforma introduzidos por arquitectos estrangeiros no fim do século XVI. Filippo Terzi (cerca de 1520-1597), arquitecto e engenheiro italiano, em cujas obras de Lisboa, Tomar, Coimbra e Évora se sente a fria sombra do Escurial, formou a primeira geração barroca, na qual figuram Luís e Baltasar Álvares, João Nunes Tinoco e Diogo Marques. A antiga igreja dos Jesuítas de Coimbra, construída em grande parte entre 1598 e 1640, possìvelmente sobre o risco de Baltasar Álvares, representa a máxima monumentalidade, em tamanho e desenho, do século XVII em

Fachada principal da Sé Nova de Coimbra, antiga Igreja dos Jesuítas, começada em 1598, e atribuida a Baltazar Álvares.

Fachada da Igreja do Seminário de Santarém, antiga Igreja do Colégio dos Jesuítas (1676).

Portais da Catedral de São Salvador da Bahia (Brasil).

Portugal (1). A vasta frontaria de pedra, expansão colossal da típica fachada larga e baixa dos templos jesuíticos da Itália e da Espanha, mostra no seu forte verticalismo uma sobrevivência gótica, que vem reforçada pela heráldica da escultura central. Por cima das sóbrias linhas das duas ordens arquitectónicas, com suas estátuas enormes, irrompe a primeira manifestação barroca. Brota nos dois frontispícios vigorosamente penetrados por máscaras coroadas de obeliscos, e no terceiro que abriga outro pedimento de forma rígida sob a última sanefa ondulante. Assim termina a composição em pleno movimento, mas com perfeito equilíbrio das massas da construção. O mesmo verticalismo, grandiosidade de proporções e sentido teatral descobrem-se nas fachadas das igrejas dos Grilos, S. João Novo e S. Bento

★ ★ ★

(1) Na colheita destas observações e fotografias o autor recebeu auxílio inestimável e atenções constantes da parte de numerosos representantes do governo português, da Academia Nacional de Belas-Artes, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, do Secretariado Nacional da Informação, da Direcção de Monumentos Nacionais e da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização. A estas pessoas, como a muitas outras, exprime o autor os seus mais profundos agradecimentos.

Porta da Capela octogonal do Senhor Jesus das Barrocas, de Aveiro (1707-1732).

Portal da Igreja de N.ª S.ª da Lapa, de Vila Viçosa, construída pelo arquitecto J. F. de Abreu. (1756).

do Porto, e na do destruído templo beneditino de Coimbra. A ex-igreja da Companhia de Jesus da Baía, terminada em 1672, revela a influência desses edifícios na antiga capital do Brasil (1). Os frontispícios partidos aqui descem das alturas para darem lugar, em cima das portadas, a sólidos nichos de carácter análogo aos de Coimbra, enquanto no resto da fachada pilastras e cornijas traçam o mesmo esquema de painéis rectangulares, cada um com sua janela ou nicho quadrados.
O linealismo decisivo dessas composições em Portugal torna-se ainda mais evidente nas igrejas da segunda metade do século XVII, repetições frias das fórmulas da primeira. N. S. da Conceição de Santarém, que os Jesuítas construíram em 1676 (2), oferece a mesma insistência vertical, assim como a mesma concentração dos aspectos barrocos — enormes volutas, vasos e obeliscos — na parte superior da fachada. Diz o cronista de Santarém, «e ainda que no seu todo se não seja acabada alguma das sinco ordens gerais da Architectura, sempre faz huma agradavel, e harmoniosa magnificencia na vista». À medida que vão desaparecendo os motivos académicos das fachadas de Coimbra e Salvador, vêm entrando novos elementos escolhidos da arte tradicional e popular. Eliminados os capitéis das pilastras principais, apare-

★ ★ ★

(1) Ignácio da Piedade e Vasconcellos, *História de Santarém edificada*, Lisboa, 1740, p. 121.
(2) *Ibid.*

Pormenor do Corpo Central da Igreja da Misericórdia de Viseu edificada no século XVIII.

Interior da Igreja de N.ª S.ª da Conceição dos Cardais (Lisboa).

cem fragmentos de corda, à moda manuelina, «troncos de ramos em meyo relevo», losangos e cartelas de perfis bizarros. Alpendres de feitio rural completam um conjunto que representa o triunfo da inconformidade local com o academismo impertado. Cresce e espalha-se nas selvas do Brasil, até que, — quando os padres da Companhia dedicam em 1719 o seu templo de S. Francisco de Belém, — o espírito arquitectónico, já a desintegrar-se em Santarém, se evapora no adorno de toscos painéis, alguns inspirados talvez na flora equatorial. As volutas laterais dos modelos portugueses encerram agora, num amplo gesto, o frontispício do templo paraense. E não é um mero fenómeno na arquitectura colonial, isolada das correntes da metrópole. O mesmo motivo aparece mais tarde, entre importações francesas, em um dos pavilhões do próprio Palácio de Queluz.

As grandes igrejas portuguesas, como as construções civis do século XVII, conservam até ao fim reminiscências da severidade da Contra-Reforma. Completamente alheias aos conceitos de espaço e plasticidade arquitectónica, que em outros países predominavam, sacrificam em geral as expressões de movimento total e fortes contrastes de claro-escuro, que, nessa época, distinguem o estilo barroco; e a arquitectura portuguesa conserva, no século seguinte, estas dramáticas manifestações.

FOTO MARIO NOVAES

Fachada da Igreja de São Vicente de Fora, de Lisboa, (1582-1627), planeada por Filipe Terzi e na qual trabalharam Baltazar Álvares, Leonardo Torreano, Pedro e João Nunes Tinoco.

FOTOS MARIO NOVAES

Solar do Visconde de São Lázaro (séc. XVIII). Braga. — Solar setecentista dos Condes de Vila Real, (Solar de Mateus), nos arredores de Vila Real de Trás-os-Montes.

FOTO MARIO NOVAES

Fachada principal do Mosteiro de Mafra, planeado pelo arquitecto João Frederico Ludovice e iniciado em 1717.

FOTO ROBERT SMITH

Fachada da Igreja de Santa Isabel de Lisboa, fundada em 1741.

Corpo central do solar setecentista de São João da Pesqueira (Trás-os-Montes).

O século XVIII em Portugal é o período das belas portadas, quando, por assim dizer, o velho espírito manuelino renasceu no enfeite das entradas, carregando-as e alisando-as, ondulando-as e abrandando-as sob a força dum novo vocabulário artístico. Íntima aliança da arquitectura e da escultura, as portadas setecentistas apresentam muitas vezes, uma só composição, a ligação da entrada com uma janela imediatamente superior. A da igreja oitavada do Senhor Jesus das Barrocas de Aveiro que, pelas relações estilísticas que tem com a Biblioteca de Coimbra, pode datar-se entre 1725 e 1730, mostra-se ainda parcialmente fiel à tradição do século XVII, na complexidade do topo, em relação com a simplicidade da base. Mas agora todo o conjunto é barroco devido ao uso de vários planos, produzindo contrastes de luz e sombra, aos volumes enriquecidos e à fantasia do perfil agudo da janela abobadada. A bela ordem jónica, os painéis com medalhões circulares, as volutas caprichosas, as grinaldas sustentadas por pomposos anjos, todos são elementos puramente joaninos. Fazem parte dum novo vernáculo da arquitectura portuguesa, evoluído sob D. João V, de influências italianas que Ludovice ensaiava no convento de Mafra e

outras importadas da França de Luís XIV e Luís XV. Sempre, porém, persistem os antigos costumes portugueses — nas rígidas pilastras e nas superfícies caiadas com inefável bom-gosto, deixando sem concorrência o explosivo motivo central. Imagens como estas, encimando colunas de muitas portadas na região de Aveiro e Coimbra, são talvez uma das fontes da inspiração do Aleijadinho no Brasil.

Com o avanço do século, no Sul do país, o estilo aperfeiçoa-se, os elementos reduzem-se, tomando formas mais delicadas e femininas, mais harmoniosas em relação com o conjunto total. Há portadas alentejanas, como a da Senhora da Lapa de Vila Viçosa (1756), cujas linhas sinuosas alcançam especial destreza de execução e harmonia de proporções. Com a supressão das colunas e a rigidez do arco central, sacrifica-se a monumentalidade antiga a favor duma nova elegância. A diversidade dos movimentos do portal de Aveiro cede a um ritmo dominante de graciosas evoluções na portada alentejana. A complicada massa de escultura inarticulada, colocada entre as volutas do primeiro, simplifica-se no esbelto escudo da segunda. As imagens insistentes, sobrepujantes, de Aveiro reduzem-se e incorporam-se na fluida composição de Vila Viçosa.

As mesmas qualidades distinguem certas portadas contemporâneas, do Norte, como a da Misericórdia de Viseu. Aqui, porém, o ritmo torna-se mais vigoroso, o carácter do granito mais violento do que os suaves mármores do Sul. Não obstante estas diferenças, as linhas que compõem o movimento seguem na mesma direcção e a ausência das ordens indica análogo temperamento na arquitectura do Norte. Os florões pesados dos pilares, nos quais se descobrem invenções do *rocaille* internacional da época, são balançados pela sacada de pedra em cima do portão e os três janelões cujas molduras estabelecem um ritmo magistral. Como elemento final na orquestração deste característico desenho, figuram as portas de madeira lavradas à moda do Norte. Composições como esta serviram, sem dúvida, de inspiração às obras-primas da Escola Mineira, no Brasil, como a portada da Ordem 3.ª de N. S. do Carmo, esculpida talvez pelo Aleijadinho em Ouro Preto, cerca de 1775.

A aplicação de todos esses pormenores ao conjunto da fachada, coincide com o triunfo final do barroco em Portugal. O templo de N. S. dos Remédios, que domina um monte de romarias nos arredores de Lamego, foi em grande parte terminado antes de 1765. Rodeado das escadarias, estátuas e fontes de um vasto jardim religioso, que, com os do Bom Jesus de Braga e Congonhas no Brasil, constitui um dos aspectos mais originais do barroco português, a fachada dos Remédios desenvolve-se na rica escultura do granito local. Um só motivo central incorpora portada, janela e nicho, de fantástica formação, que lembra as obras dos arquitectos contemporâneos da Europa Central, alguns dos quais, como Carlos Mardel, vieram a Portugal em vida da rainha D. Mariana de Áustria. As altas torres, aparentadas (no desafogo de suas linhas *bombées)* com as de Lisboa proclamam a influência borrominesca através de modelos austríacos.

Em outras particularidades, contudo, reina a mais profunda diferença entre a arquitectura do Norte e a da capital durante a segunda metade do século XVIII. Enquanto em Viseu, Lamego, Braga e no Porto se desenvolviam as complicações assimétricas e plásticas do robusto barroco regional, já em Lisboa o estilo pombalino, no limiar

religiosa. Todas as construções do século XVII, quer nas estreitas ruas do Porto, quer nos amplos terreiros de Coimbra ou nas eminências da Alfama de Lisboa, obedecem às normas de linhas rígidas, superfícies planas e molduras quadradas que também se reconhecem nos velhos solares da Baía. No século XVIII, aparece toda uma série de portadas de casas de residência nìtidamente ligadas com as dos templos da mesma época.

Portal setecentista da Igreja da Ordem Terceira de N.ª S.ª do Carmo, de Ouro Preto (Minas Gerais — Brasil).

do neoclassicismo, simplificando e formalizando de novo as fachadas, dirigia a arquitectura para o plano linealismo do começo do século XVII. Assim as igrejas, como a de Santa Isabel, N. S. dos Mártires, SS. Sacramento, Conceição Nova e S. Julião, concordam com o movimento classicista incipiente do resto da Europa.

A arquitectura barroca civil de Portugal seguiu o mesmo caminho que a

Fachada da Igreja de São Francisco Xavier, de Belém do Pará (Brasil).

Igreja do Santuário de N.ª S.ª dos Remédios, de Lamego (1750-1761).

No palácio Galvão Mexia, do Campo Grande de Lisboa, arquétipo das moradas joaninas da capital, repetem-se as sinuosas harmonias da portada da Lapa de Vila Viçosa. Eliminadas as ordens, dispõe-se a portada lisboeta no mesmo sentido diagonal; os bustos aqui observam a mesma discrição das estátuas do templo alentejano. Ao elegante ritmo da branda sacada de ferro forjado, juntam-se as agudas sanefas dos vãos principais, enquanto sobre o motivo central a cornija, verdadeiro docel barroco, se curva em serena harmonia.

Para destacar mais uma vez o forte regionalismo deste século em Portugal, convém citar um solar típico do Norte, a principal residência setecentista de S. João da Pesqueira, na província de Trás-os-Montes. A sua fachada revela uma composição quase igual à do palácio do Campo Grande, inclusive o elemento do topo semicircular. Apesar desta semelhança básica, a decoração da fachada trasmontana difere radicalmente pela maior profusão e intensidade dos detalhes. Na sacada central domina a brutalidade da pedra nortenha em vez dos suaves balaústres de ferro forjado do palácio lisboeta. A pedra domina toda a fachada. Borlas, chamas, vasos derivados da escola de Nazzoni no Porto, oferecem o mesmo efeito de força exuberante, que se observa nas igrejas da região. É um rococó de carácter masculino; é uma expressão de vitalidade intensa, que supera todas as barreiras da época, e que se não

Capela Mor da Igreja do Convento dos Paulistas, fundada em 1647. (Lisboa).

Pormenor da talha da Capela Mor da Igreja dos Paulistas. (Lisboa).

encontra nas outras partes do País. Apesar dos seus aspectos às vezes toscos e proporções deselegantes, o estilo do Norte soube sempre expressar-se em conformidade com as suas tradições e com leal respeito pelo carácter do granito local.

Depois das fachadas seiscentistas e portadas do século XVIII, vem a terceira característica do barroco português: — a talha dourada dos interiores das igrejas. Raramente encontrada alhures, senão na Alemanha e na Europa Central, a talha religiosa, que floresceu na Península Ibérica e nas colónias portuguesas e espanholas nos séculos XVII e XVIII, desenvolveu-se sob frequentes influências estrangeiras. Na sua primeira fase, a talha lusitana desse período mantém quase intactas as modalidades do Renascimento italiano. O altar-mor da igreja do Colégio dos Carmelitas de Coimbra, obra que os entalhadores Gaspar e Domingos Coelho executaram antes de 1605, repete na sua composição arquitectónica as linhas sóbrias dos caixotões da vasta abóbada romana, característica das igrejas da primeira fase barroca em Portugal. Sòmente as grinaldas com cabeças aladas de anjos nos fustes das colunas reflectem as novas ideias decorativas. O altar-mor apresenta uma composição majestosa, equilibrada, estática, em que a pintura rivaliza em importância com a escultura.

No segundo período, que coincide com o último quartel do século XVII, a talha portuguesa, mais avançada que a própria arquitectura, inaugura a sua verdadeira

Pormenor do altar do bispo de Pernambuco, D. Manuel Álvares da Costa, na Igreja de São José de Ponta Delgada (Brasil).

Interior da «Capela Dourada» do Recife (Brasil). — Fotos do Autor

expressão barroca, prolongando-se além dos altares, para ocupar, ao redor dos arcos cruzeiros e nas molduras de pintura de heróicas dimensões, a posição dominante nos interiores das igrejas. Os próprios altares, como os da Conceição dos Cardais de Lisboa, lavrados provàvelmente entre 1681 e 1692, são formados de arcos concêntricos sobre colunas torsas, completamente revestidas de folhas e cachos de uva, em que aves e meninos muitas vezes são apostos. Quem conhece a escultura dos portais manuelinos descobre logo o parentesco entre esses elementos do fim do século XVII e começo do XVIII e o vocabulário decorativo do princípio do XVI. É uma das várias tradições da arte portuguesa que se renovam na época barroca. Dentro do quadro da talha brasileira, o interior da chamada Capela Dourada da Ordem Terceira de S. Francisco do Recife, começada pouco depois de 1698 pelo entalhador António Santiago, destaca-se como a expressão mais rica e completa deste género de escultura em madeira. Aqui a talha absorve não sòmente as paredes, como também o forro da capela, formando uma espécie de caverna vibrante de ouro. Os motivos florais do arco principal parecem derivados, como muitos outros no Brasil, de gravuras tiradas de livros, pois revelam a mesma estrutura de certas flores do frontispício

(Continua nas últimas páginas)

FOTO MARIO NOVAES

Fachada principal da Igreja Matriz da Vila de Alcáçovas (Alentejo). Séculos XVII e XVIII

FOTO ROBERT SMITH

Nave e Capela Mor da Igreja do Colégio do Carmo, de Coimbra, mandada edificar pelo bispo de Portalegre D. Frei Amador Arrais (1597). Dirigiu as obras Francisco Fernandes. O retábulo é de Gaspar e Domingos Coelho, o primeiro dos quais trabalhou na Catedral de Portalegre.

BARROCO ULTRAMARINO

por

DIOGO DE MACEDO

DIRECTOR DO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

ANTES, muito antes de visitar a África, já por vias de sensação artística tínhamos sido atingido pelas suas febres. Destas, com o conhecimento real dos motivos da nossa paixão, o feitiço africano introduziu-se-nos no coração. E já então tínhamos a impressão de que a Arte de África era de barroquismo oriundo do Oriente. A Arte dos negros, assimilada e repetida através de séculos, mas acrescentada pela fantasia surpersticiosa e bárbara dos indígenas, tomando expressões de obsecadas tradições adaptadas à razão daquele continente, tornou-se a Arte mais livre, mais complexa, mais heterogénea e mais barroca de quantas o homem criou. O barroquismo mais culto, mais erudito, mais civilizado, enfim, tem no seu esplendor de fantasias e liberdades, qualquer coisa de bárbaro, de instintivo e de incoerente ao serviço de crenças e de opulências. A sua própria plasticidade tem certo espírito exótico e ilógico, que lhe deu a categoria de universal. Todavia, os povos dados às aventuras viageiras anteriores ao seu aparecimento na Europa, foram os verdadeiros *inventores* desse estilo, que por sua vez os padres jesuítas e os franciscanos expandiram por outros lugares, levando-o à América do Sul. Na vanguarda da invenção, isto é, da adaptação nacionalizadora e do seu aperfeiçoamento estilístico, o nosso *Manuelino* é um trofeu de honra na História da Arte. Nas rochas coralinas da Ilha de Moçambique fomos ver modelos naturais de certos acessórios decorativos de nichos e colunas daquela híbrida fantasia.

Será, pois, motivo de espanto que a Arte ràcicamente africana tenha parentesco com o Barroco português? E não será, porventura, honroso para os artistas ali revelados a classificação de barrocos?

~

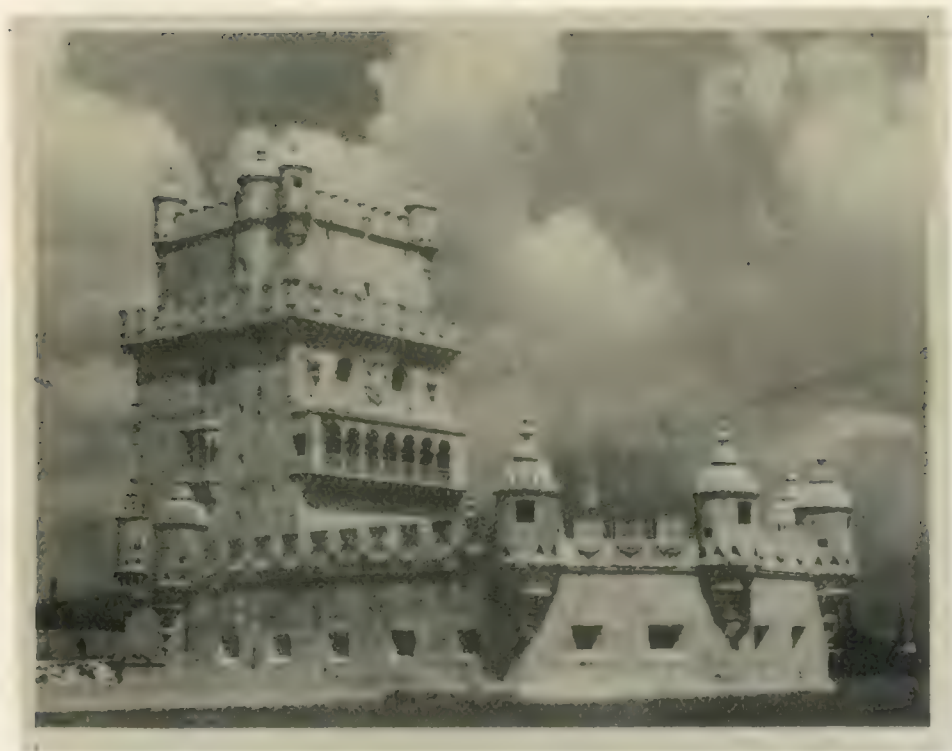
As obras de Arte são as falas vivas da História da Humanidade. Acontece que a História da Conquista e da Colonização dos portugueses em África pouco ali ficou documentada em padrões de Arte. De quanto subsiste, apenas relíquias dum barroquismo *sui generis,* que classificaremos de *Colonial,* em templos, fortalezas e peças isoladas, como prataria, móveis e azulejos dos séculos XVII e XVIII, lá encontramos. A pouca imaginária e a paramentaria são de origem metropolitana; os azulejos, também. Mas as alfaias de prata, de exuberantes decorações e simbolismos, assim como a ornamentação em talha, dos altares, e em pedra friável ou argamassa endurecida, dos portais e das molduras de retábulos, denunciam uma influência oriental. Consta mesmo que artistas vindos de Goa ou de Dio trabalharam na Ilha de Moçambique e depois arribaram à Costa Ocidental. A emigração do mestiço indu é antiquíssima. Depois seguiu-se-lhe a do monhé.
Na ermida de Senhora da Nazaré, em Luanda, os arcos do altar-mor, em fieiras paralelas como as gargantilhas e as pulseiras em profusa repetição que as negras usam em certas regiões do interior, são adornadas com esculturamentos de curta imaginativa, pouco perfeitos devido à má plasticidade do material, mas na sua singeleza popular e um tanto bárbara, livre de cânones europeus, aquele orientalismo é manifesto, sendo, contudo, barroco. E essa expressão topa-se noutras igrejas das duas Províncias Ultramarinas.
Mobiliário, no geral torneado ou entalhado em madeiras escuras de origem brasileira, é igualmente ilustrado com a mesma ingénua liberdade; e as poucas pinturas em tela que lá existem, são barrocas e de inspiração católico-popular, salvo algumas do retábulo da Senhora do Livramento, em Quelimane, e as da Matriz de Benguela, concebidas e executadas por melhores artistas. As pinturas dos tectos, a *fresco de cola,* que lá vimos, têm um outro aspecto, a este consoante o gosto das ordens religiosas que as fomentaram, mas sempre barrocas.
Na Ilha de Moçambique, a própria Capela do Baluarte, de tardio *Manuelino,* assim como as portas ali e em Mossuril tão celebradas, de uma antiga casa e duma igreja abandonada, e o púlpito do templo anexo ao Palácio de S. Paulo, são do mesmo barroquismo de carácter indiano, que adquiriu expressão particular de adaptação. Nos nossos compêndios de Arte, a reprodução dessas obras dispersas pelas duas Províncias representariam uma derivante desse composto, complexo e delirante estilo, que desde o alto Minho, em Portugal, até à Baia, no Brasil, é tão notável e fogoso como o italiano, austríaco, espanhol ou mexicano.
Se «o mar é barroco» — no dizer de Reinaldo dos Santos —, podemos considerar esse estilo na nossa Arte, como de importação e torna-viagem, depois de transfigurado pelo nosso espírito de navegadores deslumbrados e expansionistas da civilização, classificando-o, em homenagem às origens inspiradoras, de *Ultramarino.*

Portal da Igreja de S. Pedro, de Torres Vedras. Época de D. João III

O ESTILO MANUELINO

pelo

DR. REINALDO DOS SANTOS

PRESIDENTE DA ACADEMIA DAS BELAS-ARTES

O problema do estilo manuelino renovou-se radicalmente nestes últimos anos de forma a permitir definir a originalidade da sua essência, não nos termos vagos e equívocos das controvérsias passadas, mas com a precisão que uma cronologia exacta e a identificação da obra dos mestres nacionais, hoje legitimam. A Torre de Belém já não é de Garcia de Resende mas de Francisco de Arruda, e a janela de Tomar também não é de João de Castilho mas de Diogo de Arruda. Só por si, estas duas obras capitais do estilo manuelino foram restituídas aos seus verdadeiros mestres, acabando o erro que desvirtuava a génese portuguesa do estilo nacional por excelência.

Hoje distinguimos fundamentalmente, a *arte do reinado de D. Manuel,* do *estilo manuelino* pròpriamente dito, isto é, da arte original ligada ao ciclo das descobertas marítimas.

As primeiras edificações do Venturoso traduzem uma influência vinda de fora. Não admira que o Rei à volta de Espanha, onde viajou em 1497, tenha sido impressionado pela arte andaluza, sedução e gosto que o Paço de Sintra reflecte. E não é apenas na arquitectura, mas em todo o primeiro ciclo do reinado de D. Manuel (1495-1505) que as influências estranhas dominam: peninsulares na arquitectura, flamengas na pintura (Évora) e na escultura (Coimbra e Tomar).

Emfim, a arte manuelina do Norte; de Braga, Caminha, Vila do Conde, Azurara,

Torre de Belém. Construída por Francisco de Arruda. (1515-1520).

obra de Biscaínhos com lógicas afinidades com o flamejante plateresco espanhol, nada tem ainda que ver com o verdadeiro estilo manuelino de Tomar, Belém ou Batalha.

Por outro lado estes próprios monumentos, como Santa Cruz de Coimbra e outros, reflectem por vezes uma hibridez, devida a direcções diferentes, primeiro dos arquitectos nacionais como os Arrudas e Boitaca depois de artistas vindos de fora como os dois Castilhos, importadores do *Plateresco* ou os escultores franceses da Renascença. Também não é nesta bastardia que devemos procurar a caracterização do estilo nacional. Entre estes dois ciclos do início e do fim da arte do reinado de D. Manuel é que se coloca a actividade essencial dos arquitectos portugueses — os Arrudas, os Mateus Fernandes, os Anriques, Boitaca, Marcos Pires, etc., aos quais devemos a criação e verdadeira expressão da arte nacional por excelência, ou seja, a originalidade do *estilo manuelino*. O equívoco do conceito sobre a legitimidade do *manuelino* esteve durante muito tempo ligado à ideia de abranger como um só estilo o conjunto da arte do reinado de D. Manuel, confundindo monumentos de origem e influências diferentes e não discriminando no mesmo monumento ciclos de autoria e épocas diversas. Mas os verdadeiros mestres do *manuelino* foram os portugueses acima citados.

A actividade de *Boitaca, mestre das obras do reino*, dispersou-se pelas igrejas de

Batalha. Claustro gótico transformado na época manuelina.

Jesus (Setúbal), Santa Cruz (Coimbra), Batalha, Ultramar, e sobretudo Belém, onde deixou na nave concebida como uma gruta, e no claustro (parte periférica) os melhores espécimens do seu espírito criador. Grande número dos portais manuelinos da Golegã, Alcobaça, Setúbal, Viana do Alentejo, devem corresponder ainda à sua traça. *Mateus Fernandes*, mestre da Batalha, dá à sua arte um carácter de polifonista desenvolvendo os temas com um sentido de unidade decorativa e magnificência de proporções sem par.

O portal das *capelas imperfeitas* é talvez a obra manuelina que mais sugere, sem nela se inspirar, a Índia. Das capelas da rotunda, a mais ricamente decorada é a de D. João II, mandada fazer por D. Leonor e de cuja abóbada pendem os mais belos corais em que a pedra da Batalha se metamorfoseou. Mas o trecho mais grandioso deste conjunto é realmente o portal, visto do lado do átrio. Ao alto, entre troncos enlaçados, enuncia-se por três vezes o início da tença de D. Duarte: «*liau te serei*», emquanto ao longo das colunas, dos arcos, do cimo das abóbadas à origem dos pilares, se repete como num coral de vozes, mais de duzentas vezes, a segunda parte da tença «Tam jaserei, tam jaserei...» A Batalha foi o centro donde saíram a maior parte dos mestres nacionais do reinado de D. Manuel: os Anriques para a Guarda, Marcos Pires para Coimbra, João Rodrigues para Sintra, os Arrudas para Tomar e Alentejo, além do próprio Boitaca, aliás mestre de todas as obras régias. Mas a expressão mais original do estilo manuelino foram os Arrudas que a criaram: Diogo na nave e Casa do Capítulo do convento de Cristo; Francisco na Torre de Belém. A janela de Tomar, ou antes, as janelas porque eram três, são a evocação mais tumultuosa e perturbadora da arte manuelina, fruto de uma visão obcecada da terra alentejana e do mar. Os temas seguem-se sem desenvolvimento nem ritmo, como traços de evocações de pesadelo, tão precursoras de barroquismo como de supra-realismo. E só por si a visão plástica em profundidade, uma das essências do seu barroquismo, cava uma diferença profunda entre o manuelino e o *plateresco* espanhol, com o qual em tempos se confundiu. A Torre de Belém, que Francisco de Arruda construiu à volta do Magrebe, onde com seu irmão Diogo erigira as fortificações e a catedral de Safim e Azamor, reflecte uma sugestão do Oriente nos balcões e cúpulas aos gomos, a par da decoração manuelina que a sua arte encarnava. E as proporções inspiram-se nas tradições românicas nacionais, emquanto o corpo da Torre se cinge num forte calabre atado num nó gigante, como o da nave de Tomar.

A modalidade *mudéxar* do manuelino do Alentejo: de Évora, Alvito, Beja, Sempre-Noiva, Água de Peixes, etc., — em que frequentemente domina o arco ultrapassado, constitui um aspecto regional da arte manuelina mas não é *o estilo manuelino* autóctone. Este, de facto, durou pouco tempo (1500-1516), nem sequer todo o ciclo de actividade dos seus arquitectos que sobreviveram ao estilo! O plateresco dos Castilhos e a Renascença dos Franceses, cortou-lhes o voo evocativo e secou-lhes a seiva túrgida da sua decoração naturalista e marítima.

O que caracterizara o manuelino não fora a criação de novas formas construtivas, e disso se tirou em tempos argumento para não o considerar como um estilo. Mas a essência e a originalidade dos estilos é a criação de novas formas de expressão — orgânicas ou decorativas. E o manuelino alcançou personalidade pelo sentido das

Tomar. Janela manuelina no Convento de Cristo. Obra de Diogo de Arruda.

Portal da Igreja Matriz de Viana do Alentejo. (Primeiro terço do século XVI).

proporções, mais românicas do que góticas, e pelos temas naturalistas ou evocativos do mar, emblemas régios, torsades e cabos, regresso ao primitivismo dos troncos e raízes antes da sua estilização na coluna, etc., etc. Mais importante, porém, que a natureza dos temas é o sentido plástico com que os artistas os interpretaram, concebendo-os em volume, entumescendo-os de uma seiva barroca, modelando-os em formas túrgidas, longe das agudezas do gótico ou dos requintes clássicos da Renascença.

Emfim, sob o ponto de vista da filosofia da arte, o manuelino é exemplo de um estilo gerado por uma civilização de expansão — como a helenística ou a romana. Foi por isso naturalista, com ressaibos de exotismo, como era próprio de uma civização filha de descobertas marítimas. A civilização mediterraneana tivera como centro o Homem; a nova civilização Atlântica, que se exprimiu pelo manuelino, teve como fonte de inspiração — o Mar.

FOTOS DE MARIO NOVAES

Portal da Igreja Matriz da Batalha. Época de D. João III. (1532).

Batalha. Portal manuelino das «Capelas Imperfeitas». Obra de Mateus Fernandes.

A ARRÁBIDA

MILAGRE

DA PAISAGEM PORTUGUESA

ARRÁBIDA
E O SEU CONVENTO

Era crença geral que os antigos lhe haviam chamado «Promontório Barbárico». E, na verdade, nas idades recuadas da Terra, ela assim devia aparecer a olhos surpresos da sua agreste, mas incomparável beleza, a corações receosos das suas selváticas solidões. Então ainda a cruz se não erguera sobre um dos seus mais austeros morros, nem monges saudosos do céu e sedentos de silêncio e paz haviam procurado refúgio nas toscas celas onde, os corpos vestidos de grosseiro burel e as almas iluminadas de claridades divinas, viviam dormindo sobre a áspera cortiça e alimentando-se de duro pão.

Também inteligências mais compreensivas a não tinham cognominado um arrabalde do paraíso. Debruçava-se apenas, maravilhosa como jóia inestimável, sobre um prodigioso mar de safira, oferecendo aos que a contemplavam um deslumbrante espectáculo.

Cordilheira formosa, a Arrábida levanta-se entre as águas do Atlântico, que ali se vestem dum azul mediterrânico, e o céu, ao qual se encosta como barreira, separando da realidade um mundo de sonho.

Fronteiro à península de Troia, o dorso da serra alteia-se, salpicado de verde e ganhando, sob a luz, tonalidades róseas que evocam aspectos decantados da Riviera francesa. Aqui e além, uma sombria mancha de verdura, altas árvores, restos de antiquíssimas matas, lembrando florestas de contos de fadas, cheias de sombra e humidade, com os seus penhascos esverdeados cobertos de musgo, o brando ciciar da folhagem ou o apressado esvoaçar dum pássaro.

Saliente, avança sobre o Portinho o *Mirante dos Frades*, de cujas rochas, curiosamente dispostas em terraços irregulares, a vista abrange um panorama soberbo.

Ante o nossso olhar sedento, dela nunca fatigado, a Arrábida surge em toda a sua beleza e imponência. Dum lado, os escalvados contrafortes, a montanha árida, pedregosa, nua, entrando pelo

Convento da Arrábida visto da estrada — Foto de Dulce Perestrello

Trecho do Portinho da Arrábida — Foto de Artur Pastor

oceano onde se recorta e forma duas baías que alvejam com sua tira branca de areia desposando o cerúleo mar numa rara harmonia de cores. Em baixo, sob o mirante, o *Portinho*, com as casas novas de telhados vermelhos e o verde incomparável das suas águas mansas. Depois, pedras cinzentas, arvoredo, e, aqui e além, moradias, até ao ponto em que a fenda de *Alportuxe* se abre com a sua arrogante muralha de rochas. A perder-se no infinito, a imensa toalha azul, e, para cima, cortando o horizonte em planos sucessivos, a serra, agora arborizada.

Sucedem-se os montes, formando moldura grandiosa à clara fita da praia. E o contraste entre o verde-negro dos bosques que os vestem e a cintilação ofuscante do mar, torna-se mais belo numa atmosfera de «luminosa transparência, duma finura que afaga, recua, projecta as coisas em planos ideais e lhes dá uma realidade etérea.» É, ainda no dizer de Raul Proença, «uma elísia suavidade que entontece».

Picos altos irrompem da verdura; trepam pela encosta as capelas; passa, serpenteando, a fita vermelha da estrada, como cicatriz que sulcasse a face da montanha. E, dominando-a, acrescentando à sua beleza a auréola do seu místico passado e a graciosidade da sua alva aparição, o *Convento*, com a cónica chaminé, as janelas e varandas, das quais espreitam rubras sardinhei-

ras, a horta em socalcos até nova abertura, nova moldura do mar. Oliveiras, com o seu verde suave, rodeiam o telhado berrante da *Casa do Círio* e vão descendo a vertente até encontrarem a terra avermelhada de novo planalto e cederem o lugar aos arbustos rasteiros onde retouçam cabras.
Volvendo o olhar para o alto, encontramos o dorso severo e cinzento que parece tocar o céu, trazendo-nos a balsâmica doçura do silêncio que tudo envolve, da paz avassaladora que reina no ambiente.

... ...

Saía da linda clareira que inteiramente desapareceu, morrendo com ela a mais bela e poética parte da Mata Coberta, o caminho para o *Convento Velho*. Por ele seguiu, num dia de Setembro de 1539, D. João de Lencastre, neto do Príncipe Perfeito e 1.º Duque de Aveiro, acompanhando Frei Martinho de Santa Maria, que na Arrábida ia instituir a sua austera reforma e achar a Tebaida sonhada pelo seu exaltado misticismo.
Alma de espanhol, com o fundo de ardente religiosidade da sua raça, pródiga em santos e em heróis, poucos como ele terão compreendido e amado a linda serra e terão sido tão injustamente esquecidos pelo futuro. A sua sombra domina a ascética vida de que a Arrábida foi centro e é ela que nos vai esperar à entrada do Convento Velho, quando, após termos voltado à direita, subimos esparsos e gastos degraus e penetramos na rústica porta com o seu curioso beiral de telhas e o suporte para a cruz que mão iconoclasta derribou.
Estamos no talvez mais original convento do mundo. Entulhada, encosta-se ao umbral a cela do irmão porteiro e, para além, nas lindíssimas ruas e originais escadarias, o passado espreita-nos. Neste local, entre opulento arvoredo que sob o sol do meio-dia constrói feéricos palácios de verdura, nas exíguas celas de pedra lembrando as primitivas, «que mais pareciam cabanas de pastores», na capela mais antiga — tão pobre! — passaram, viveram e oraram os primeiros arrábidos, animados pela fé sublime do Fundador.
Eram a princípio apenas dois, depois cinco. E desses cinco — Frei Martinho de Santa Maria, Frei Francisco Pedraita, S. Pedro de Alcântara, Frei João de Águila e Frei Diogo de Lisboa — um foi canonizado e outro, tão humilde que se prostrava à porta do refeitório para que os seus companheiros, ao saírem, o pisassem como a coisa desprezível, guardou para além da morte o mesmo amor às humilhações, e, merecendo a glória dos altares, vê profanada por práticas absurdas a imagem que à porta do mosteiro por ele fundado, perpetua a sua memória. «Vida breve foi a sua — informa o cronista da Arrábida — se se medir pelo tempo; muito dilatada, porém, se se regular pelo admirável de suas heróicas virtudes». «Primeiro em tudo na observância da sua regra, para poder ser o primeiro pelo exemplo», a ponto de se dizer que, se S. Francisco não tivesse existido, seria Frei Martinho de Santa Maria o modelo da humildade, escreve, em colaboração com S. Pedro de Alcântara e o experiente Frei João de Águila, os estatutos da sua ordem.

... ...

Construído o Convento Novo, torna-se este o centro duma exemplar reforma na vida religiosa, albergando monges vestidos de «pobres e remendados trajos», que a Deus se sacrificavam «numa estreitíssima pobreza voluntária», imitando antigo rigor dos habitantes da Tebaida, de tal modo que parecia «não caber tanto nas forças da natureza humana».
Como é pitoresco e belo, esse convento que, visto do terreiro das Mesquitas, aparece enquadrado em formosa moldura verde! Nos seus planos irregulares sobressai o telhado da igreja, tendo, ao lado, um pouco mais abaixo, o da sacristia, acima o da biblioteca. Alta e elegante, com o seu curioso remate, a cónica chaminé encosta-se à branca parede das celas. Avança, saliente, o refeitório que um terraço liga ao «Corredor de S. João». Para além, a «Casa do Bispo» arrima-se a novo terraço coberto de latadas, e, já na vertente, alinha-se, modesta, a capela do Senhor dos Passos, perto do «Jardim do Buxo».
Adensa-se depois o arvoredo, afogando, cobrindo ruínas que nos confrangem. São capelas de que apenas restam os muros a regorgitar de nomes e datas, sepulcros vazios e profanados; são celas dispersas, tentadoras no seu isolamento, chamando-nos como abrigo ideal. Há fontes donde a água fugiu, terreiros que o mato tapou e nos quais pitorescos bancos, encostados a parapeitos de tijolo, convidam ainda à meditação. Uma mutilada cruz de azulejos verdes adorna velha parede e, para além, alargam-se horizontes sem fim. Nichos perdidos entre a verdura, muros que se embrenham no meio de árvores, tudo fala à alma e a seduz, neste convento que duques de sangue real ergueram para os «seus fradinhos menores».
Que lindo ele seria, que branco, e novo, em tempo de D. Álvaro! E quão vivo apareceria o contraste da cal viva com os sombrios verdes em que se emoldurava! É a idade dourada do Convento da Arrábida.

DULCE PERESTRELLO

(Continua nas últimas páginas)

Fotos de: Artur Pastor e Dulce Perestrello

Ermida na Serra da Arrábida. — Portinho da Arrábida. — A Casa do Cirio e o Terreiro das Mesquitas vistos do Caminho para o Bom Jesus. — Capela de Nossa Senhora da Memória.

O CALHARIZ DA ARRÁBIDA

D. Filipe de Sousa, nascido em 1564, filho segundo do primeiro Barão de Alvito, João Fernandes da Silveira e de sua mulher D. Maria de Sousa Lobo, foi do Conselho de D. João III e apelidou-se de Sousa por seu bisavô D. Lopo Dias de Sousa, 7.º Mestre da Ordem de Cristo. Casou com D. Felipa da Cunha e Sá, filha única de Gil Vaz da Cunha e Sá, senhor do Calhariz e Morgado de Monfalim — casamento que marca a vinda dos Sousas ao Calhariz.

De visita aos Marqueses do Fayal neste candado do Calhariz, sito ao sopé da Serra da Arrábida — serra que foi do 1.º Duque de Aveiro, D. João d'Alencastre, e passou, em parte certamente, por doação do referido titular, a Frei Martinho de Santa Maria, fundador do convento, e hoje está anexada ao Calhariz e na posse da Casa Palmela, tive o feliz e agradável ensejo de conhecer um dos mais belos recantos de Portugal.

São horas de almoço quando nos apeamos junto ao palácio, sumptuosa construção de casa nobre do século XVIII, e então pouco mais vejo que as faldas da serra que se mostrava já de muito longe no seu recorte escalvado, mas se vai cobrindo de vegetação na descida e nalguns pontos se veste de verdadeiras matas.

Salta à vista com estranheza que o palácio esteja situado numa baixa: como explicação, com foros de lenda ou visos de verdade, dizem-me que tendo um senhor de Calhariz caído no desagrado real, foi desterrado da corte e ali edificou — para não ver Lisboa cujas saudades o mortificavam.

Chega até nós, misturado ao rude perfume das estevas, o cheiro do mar que se não vê nem se ouve, nesse domingo de Maio, contraditor do significado do latim Rabidus *em que alguns põem origem de Arrábida e no qual vêem «alusão à braveza e raiva com que o mar bate na costa».*

O panorama dos aspectos serranos deslumbra dum e doutro lado da estrada: ora escalvado e nu, como no gume daquele ponto cortado a pique para o mar, pela separação e descolamento da Atlântida — fenómeno que fantasistas localizam ali; ou em maciezas de tapetes gigânteos das matas frondosas que descem e se desenrolam pelas quebradas.

Rebanhos de cabras pelas faldas da serra, ovelhas, vacas e éguas pelos montados e várzeas do Calhariz, parecem dar razão àqueles que se inclinam para a etimologia árabe — arraldá, *a dizer habitação de gados, lugar de pastagem.*

DI RIPOSO / E DI PACE / ALBERGO VERO

Eis a inscrição gravada em pedra, sob as armas ducais dos Palmelas, que se lê sobre a porta principal do Palácio de Calhariz.

No vestíbulo estão bustos em mármore de figuras romanas, vindos de Pompeia; das paredes saem meios corpos de veados, talhados em madeira, mas providos de armaduras autênticas. Nas inúmeras salas abundam os óleos com retratos dos Sousas. A casa de Sousa vem de 714, é coeva da Monarquia dos Godos, fundada em Espanha sobre as ruínas do Império Romano, e entre estas origens remotas se fala de D. Fruela — cabeça de turco a que muita gente em Portugal se diz ligada. Todavia parece que o claro progenitor da casa de Sousa foi D. Soeiro Belfaguer, quando reinava em Leão D. Fayan Suarez, o fundador da Arrifana de Sousa. Também há quem dê princípio a esta família em Sizibuto, Conde de Coimbra, que era filho de Utiza, penúltimo rei dos Godos. Deixemos o labirinto, tanto mais emaranhado, quanto mais recua nos tempos a memória assinalada dos ascendentes.

Há porém outros que, por mais avançados no tempo, estão longe dessas nebulusidades, embora se encontrem no segredo dos túmulos. Além do 1.º Duque de Palmela cuja acção política no constitucionalismo foi proeminente, duas figuras femininas se destacam a meus olhos: A Duquesa D. Maria Luiza que foi escultora de mérito e Senhora na mais requintada acepção da palavra. Não se mostrava às multidões: fazia vida no mais luxuoso ambiente de arte do seu palácio do Rato e, quando a sua equipagem passava, montada no mais acentuado rigor da disciplina inglesa, com cocheiros e trintanários ingleses, parava-se na rua a admirar o trote impecável das horsas

luzidias e nédias, atreladas ao coupé *discreto que conduzia a famosa titular — luxo que não era hostilizante, era antes decoro, e aureolava na admiração popular a benemérita criadora das Cozinhas Económicas.*

O outro retrato é de D. Isabel Juliana de Sousa Coutinho Monteiro Paim, a quem o Marquês de Pombal impôs casamento com o seu segundo filho, José de Carvalho Melo e Daun — casamento que ela não consentiu que o marido consumasse. O desagrado e todo o poder do sogro não conseguiram vencer o ânimo forte daquele corpo franzino, alcunhado pelo déspota de «bichinho de conta» com que ficou na história. A arrogância e todo o poder do ministro quebraram-se ante o pudor duma débil mulher de quinze anos apenas, mas que sabia querer, e tanto! que Sebastião José, vencido, obteve a anulação do matrimónio, estando D. Isabel já de castigo no Convento do Calvário, em Évora, sujeita a regime rigoroso, impedida de comunicar com seus parentes, e onde continuou presa até à queda do ministro, pela morte do Rei D. José.

Casou, em 27 de Junho de 1779, com D. Alexandre de Sousa Holstein, conde de Sanfri, no Piemonte, e embaixador português em diferentes cortes da Europa, a quem já queria, quando o impertinente marquês concebera e realizara o antipático desejo de violentar a desditosa senhora que só na aparência foi sua nora. Mãe do 1.º Duque de Palmela, D. Pedro de Sousa Holstein, nascido em Turim a 8 de Maio de 1781, era filha de D. Vicente Roque de Sousa Coutinho Monteiro Paim e de D. Teresa Vital da Câmara, e pertencia à casa dos Condes de Alva.

MOTTA CABRAL

(Continua nas últimas páginas)

Fotos de José Palha

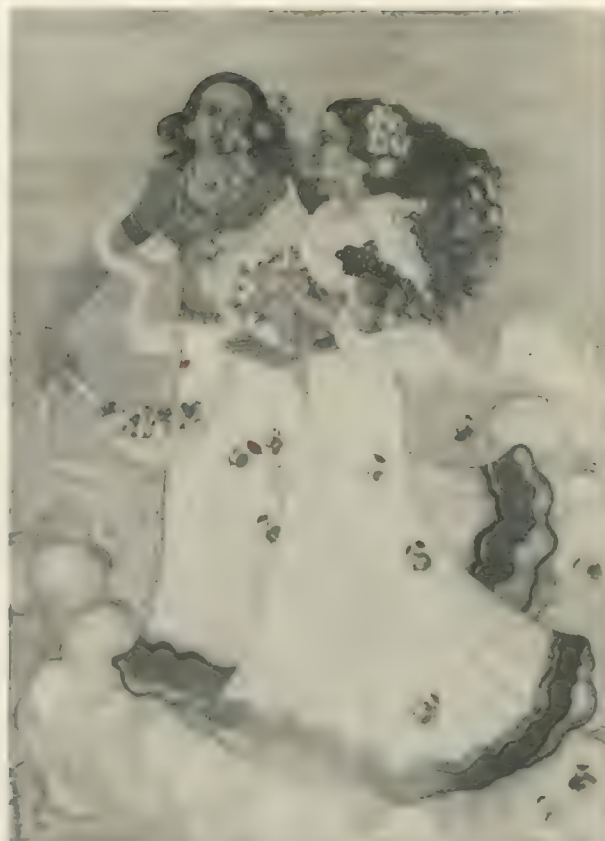
MULHER DE LUTO (LUANDA) — AGUARELA DO PINTOR
ALBANO NEVES E SOUSA (EXPOSTA NO ESTÚDIO DO S. N. I.)

EXPOSIÇÕES NO S.N.I.

Em cima, à direita: *Um desenho de Maria do Carmo Sequeira Cabral.* — À esquerda e em baixo: *Um desenho e uma aguarela de Maria Madalena.*

Maria Madalena e Maria do Carmo Sequeira Cabral constituem um caso pouco frequente na vida artística portuguesa. Um caso e não dois... justamente porque, sendo irmãs, foram simultâneamente tocadas pela vocação da pintura, e ambas escolheram a modalidade aguarela, no cultivo da qual procuram descobrir e revelar as suas personalidades, ora desenhando ora colorindo, com largueza, com graça — e com independência.

Nos trabalhos recentemente exibidos por estas jovens artistas portuenses, no estúdio do Palácio Foz, em Lisboa, evidenciaram-se as qualidades apontadas e, por isso, conquistaram sem esforço o agrado da crítica e de grande parte do público.

EXPOSIÇÕES NO S.N.I.

FOTOS DE A. CASTELO BRANCO

Um dos mais notáveis acontecimentos artísticos de 1948 foi, entre nós, a apresentação ao público lisboeta das produções do pintor goense Ângelo da Fonseca — discípulo dos artistas indianos Abanindranath Tagore e Nandalal Rose. Foi até, pode dizer-se, um acontecimento sensacional, pelo exotismo dos motivos e a doçura lírica do estilo, revelador de um temperamento de iluminista em que o espírito oriental, necessàriamente predominante, é como que aureolado pelo sentimento cristão da cultura do Ocidente. É este contraste que torna mais interessantes e característicos o desenho e a cromática, de tocante simplicidade e cálida transparência, com que Ângelo da Fonseca trata os seus assuntos preferidos, tanto religiosos como profanos.

FOTOS DE A. CASTELO BRANCO

No mesmo estúdio, realizou, há poucas semanas, uma exposição de óleos o artista Albano Neves e Sousa, bolseiro, na metrópole, da Câmara Municipal de Luanda, e que se estreou públicamente há quatro anos, no salão da antiga sede do S. N. I., em S. Pedro de Alcântara, obtendo assinalado êxito pela novidade dos temas africanos e o vigor, já timbradamente pessoal, patenteado na interpretação das paisagens e das figuras. As dezenas de quadros agora expostos, embora a natural preocupação de explicitar os progressos técnicos tenha prejudicado um pouco a espontânea graciosidade e frescura dos trabalhos da primeira fase, confirmam o que há de autêntico e de muito apreciável na sensibilidade plástica de Neves e Sousa.

EXPOSIÇÃO NO S. N. I.

AS CERÂMICAS DE JORGE BARRADAS

Jorge Barradas, utilizando os materiais e os processos da tradicional indústria cerâmica, transmite ao modesto prato, ao pote, azulejo ou cangirão, o seu mundo interior de sensibilidade e de espírito, de graça e de beleza.

Na mesma singela bilha que os oleiros das nossas províncias fazem todos os dias, modela flores e põe seus encantos de caprichoso desenho ou fantasia de cor.

Senhor já dos segredos técnicos do seu ofício, não só com o sentido cromático e plástico do pintor-decorador, mas também do escultor, inspirado fortemente pela grande lição da tradição e da Antiguidade, Jorge Barradas promoveu o ressurgimento e a dignificação da indústria cerâmica decorativa portuguesa.

Como grande Artista que é, tudo em que põe as suas mãos se transfigura. E é sempre a alma oculta e a radiante beleza, que revela nas peças mais simples, em que o Artista sempre tira partido com talento de uma graça do desenho e da cor,

UMA DAS MAIS BELAS PEÇAS DE CERAMICA DE JORGE BARRADAS, RECENTEMENTE EXPOSTAS NO ESTÚDIO DO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO — PALACIO FOZ.

e até de certos acidentes do cozido e do vidrado. As tonalidades quentes e o estilizado recorte das suas faianças de arte marcam uma fase nova e decisiva, bem como lugar de especialíssimo relevo entre as indústrias artísticas nacionais.

Santos Simões, com a particular autoridade que lhe conferem os seus estudos da especialidade, diz, e muito bem, que «a característica mais saliente das suas cerâmicas é a constante estética: — sobriedade nas formas, tranquilidade nos esmaltes, dignidade nos motivos, compreensão perfeita, afinal, do que é a cerâmica como expressão, trabalhada em volume e não em superfície, domínio sobre a matéria que, sendo domável, é sempre caprichosa e traiçoeira por vezes».

LUÍS REIS SANTOS

O INTERESSE ARTISTICO DOS TRABALHOS DE CERÂMICA DE JORGE BARRADAS É VALORIZADO PELO FACTO DE SEREM — COMO ESTE QUE REPRODUZIMOS — PEÇAS ÚNICAS.

EXPOSIÇÕES NO S. N. I.

LIVROS RAROS QUINHENTISTAS DA BIBLIOTECA DE DOM MANUEL II

De 15 a 22 de Novembro do ano findo, teve lugar nas salas de exposição do Palácio Foz, por iniciativa da Fundação da Casa de Bragança e com a colaboração do S. N. I., uma exposição de livros raros quinhentistas que pertenceram a El-Rei Dom Manuel II.

Tanto este núcleo de esplêndidos e valiosíssimos espécimes como muitos outros que a cultura, a sensibilidade artística e o acrisolado amor à Pátria do Senhor Dom Manuel, amorosamente e à custa de múltiplos esforços e sacrifícios pacientemente foi reunindo, irão constituir um núcleo precioso na Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa e honrar mais uma vez o pensamento generoso do Rei.

E a presidir à leitura nesta Biblioteca, que vai ficar instalada em dependências a adaptar segundo os modernos preceitos da especialidade, nos baixos do Palácio, lá estará, em lugar de honra, o retrato do último Rei de Portugal, da autoria do consagrado pintor Henrique Medina, quadro esse para tal efeito expressamente encomendado pela Fundação da Casa de Bragança, e pela primeira vez apresentado ao público durante a exposição.

O interesse despertado pelo referido certame, onde figuravam padrões únicos e gloriosos da cultura e da arte tipográfica portuguesa, e que abriu precisamente a 15 de Novembro, dia do aniversário do Rei, não podia ter sido maior, tanto por parte do elemento oficial, como da *élite* intelectual, dos estudiosos, e do público em geral.

Ao acto inaugural assistiram os Ministros das Finanças, da Educação Nacional, dos Estrangeiros, da Guerra e da Marinha, os Subsecretários da Assistência e das Colónias, Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, os Srs. Arcebispo de Évora e Bispo de Beja, (Prelados das Dioceses onde existem bens da Casa de Bragança vindos expressamente) e ainda os Senhores Embaixadores do Brasil e da França.

Uma página da «Vita Christi», o magnífico incunábulo que melhor ilustra o gosto e arte da primeira época da tipografia portuguesa.

Mais tarde também ali estiveram os Ministros do Interior e das Obras Públicas, Subsecretário das Corporações, Bispo de Helenópole e o Sr. Embaixador de Inglaterra.

Para esta exposição — cuja organização técnica foi orientada pela alta competência do Sr. Dr. Luís Silveira — publicou-se um catálogo que o eminente Professor Doutor Joaquim de Carvalho, da Universidade de Coimbra, ilustrou com um brilhante prefácio.

O ambiente adequado à Homenagem que se queria prestar a El-Rei Dom Manuel II e à categoria dos espécimes expostos, bem assim como a decoração das salas, enriquecidas com esplêndidas tapeçarias flamengas do Paço de Vila Viçosa, móveis e peças decorativas do Palácio da Ajuda, deve-se ao Sr. Dr. Cayolla Zagallo, que foi mais uma vez de uma grande felicidade.

Com esta marca de um primoroso bom-gosto encontraram os livros raros, tratados carinhosamente como as suas lindas encadernações o atestam, o ambiente aliciante e digno que tais preciosidades da cultura e da Arte Tipográfica justamente mereciam.

Os autos dos apl'os.

¶ A epistola de santiago apostollo.
¶ As duas epistolas de sam Pedro apostollo.
¶ As tres epl'as de sam Joham apl'o ꝛ evãgelista.
¶ A epistolla de sam Judas apostollo.

Frontispício dos «Autos dos Apóstolos», trabalho de Valentim Fernandes, de que se conhece, além do exemplar da biblioteca manuelina, ùnicamente um outro na Biblioteca de Évora.

Marco paulo.

¶ Ho liuro de Marcolao veneto.
¶ O trallado da carta de huũ genoves das ditas terras.

¶ Cõ privilegio del Rey nosso senhor. q̃ nenhuũ faça a impressam deste liuro. nẽ ho venda em todollos se⁹ regnos ꝛ senhorios sem liçẽça de Valentim fernãdez so pena cõteuda na carta do seu privilegio. Ho preço delle. Cento ꝛ dez reaes.

O «Marco Paulo», num formoso exemplar, é uma das preciosidades da biblioteca de Dom Manuel. O livro de «Marco Paulo» desempenhou importante papel na história dos primórdios da expansão portuguesa.

FOTOS DE CASTELO BRANCO

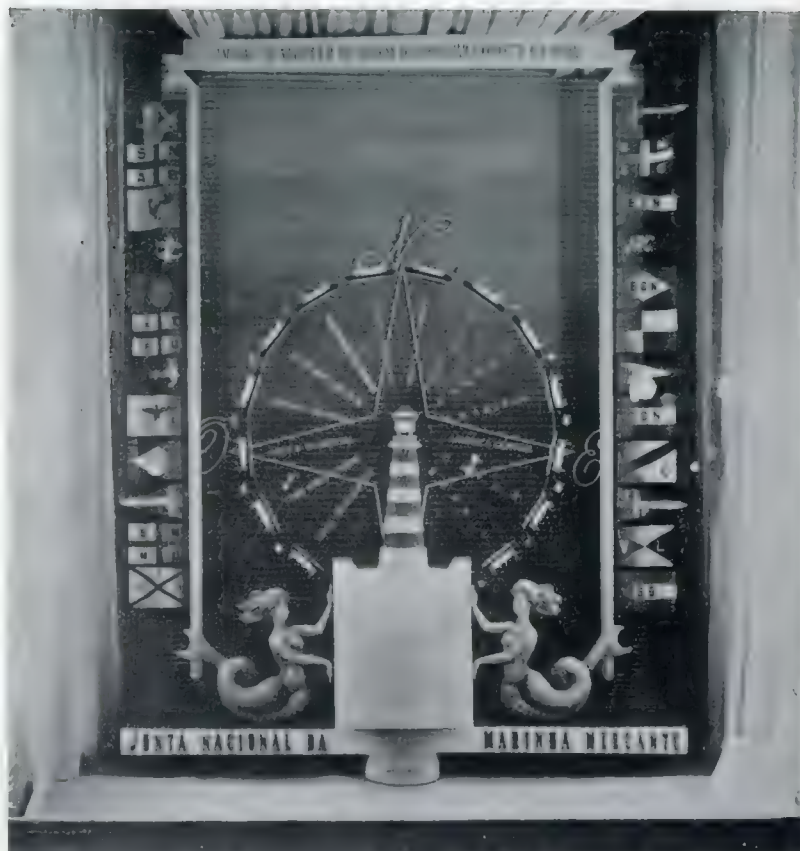
O CONCURSO DAS MONTRAS DO S. N. I.

Os frutos dos sucessivos concursos de montras, entre casas comerciais, realizados pelo S. N. I. no prosseguimento da sua campanha em prol do bom-gosto, estão à vista de todos, nas ruas de Lisboa. De há alguns anos para cá, andou-se muito, na arte de expor e no sentido decorativo. Pouco a pouco, foi-se elevando o nível artístico dos comerciantes da Baixa, e também, indirectamente, do resto da cidade e foi-se solidificando a ideia de que a apresentação dos produtos comerciais não deve ser feita ao acaso, por amadores de ocasião, mas sim por artistas decoradores. Um critério de qualidade substituiu o errado critério de quantidade até então vigente. O próprio panorama geral da cidade melhorou, adquirindo uma «civilização» que lhe fica bem.

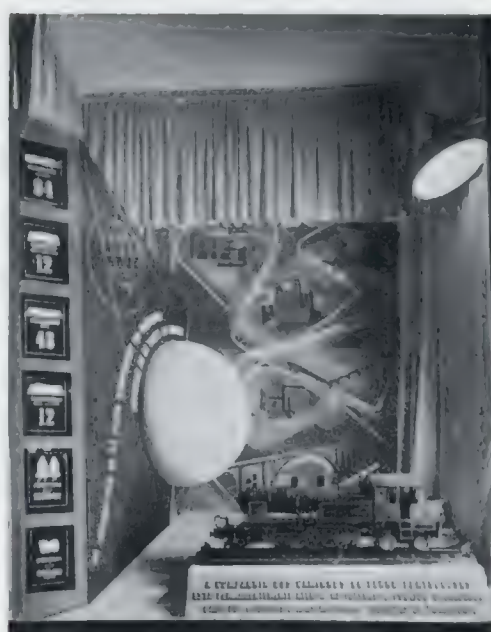
Este ano, pelo Natal, e dentro da mesma linha de rumo, o S. N. I. levou a efeito um novo concurso de montras, desta vez porém, em moldes inteiramente diferentes. Aproveitando as montras do Palácio Foz, aos Restauradores, onde está instalado, entregou algumas, para decoração e propaganda, a organismos superiores, sem intuitos comerciais.

Entre as nove montras concorrentes, estabeleceu-se um certame, cujo júri foi o próprio público, dando a sua opinião por meio de votos. A iniciativa, como era de prever, obteve um assinalado êxito, e o povo de Lisboa não se esqueceu de lhe corresponder com grande entusiasmo. O seu alcance excedeu a expectativa, pois, além de proporcionar ao público ocasião para exprimir o seu senso estético, forneceu igualmente, a comerciantes como a particulares, uma lição viva de bom-gosto decorativo, um verdadeiro curso da difícil arte de expor.

O I prémio, uma taça de prata, coube à montra da Junta Nacional da Marinha Mercante, assim como 4.000$00 para o seu decorador, Manuel Rodrigues; o II prémio coube à montra da Junta Nacional dos Vinhos, e ao artista Jorge de Matos Chaves, que recebeu 3.000$00; o III prémio, coube à montra da Administração Geral do Porto de Lisboa, bem como 2.000$00 ao artista Fred Kradolfer, seu decorador.

As restantes montras, por ordem de votação, foram as seguintes: Secretariado Nacional da Informação (Eduardo Anahory), Mocidade Portuguesa (D. Thomaz de Mello), Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro (Manuel Lapa), Companhia dos Transportes Aéreos Portugueses (Pais de Freitas), Câmara Municipal de Lisboa (Alberto Cardoso) e Secretariado Nacional da Informação (Artur Jorge).

As montras a que o público concedeu o 1.º e 3.º prémios — da autoria, respectivamente, de Manuel Rodrigues e de Fred Kradolfer.

O 2.º prémio coube a este arranjo decorativo de Jorge Matos Chaves.

FOTOS DE HORACIO NOVAES e CASTELO BRANCO

Pais de Freitas, Manuel Lapa, Tomás de Mello, Eduardo Anahory e Alberto Cardoso foram os artistas decoradores que realizaram estas montras, para o concurso do S. N. I.

ARTUR PASTOR NÃO É UM NOME DESCONHECIDO DOS LEITORES DE «PANORAMA», ONDE MAIS DE UMA VEZ SE PUBLICARAM FOTOGRAFIAS POR ELE ASSINADAS. HOJE, PORÉM, JULGAMOS DE INTEIRA JUSTIÇA «PÔR EM FOCO» OS SEUS DONS INVULGARES DE ARTISTA-FOTÓGRAFO, MAIS FORTEMENTE PATENTEADOS NOS VÁRIOS TRABALHOS QUE ILUSTRAM O PRESENTE NÚMERO — COMO O QUE NESTA PÁGINA REPRODUZIMOS.

PANORAMA — Número 38 — Ano de 1949

BOLETIM DE TURISMO

EDITADO PELO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

CONSELHO NACIONAL DE TURISMO

RESUMO DA EXPOSIÇÃO APRESENTADA PELO SR. ANTÓNIO FERRO

A convite do Secretário Nacional da Informação, reuniu-se no dia 2 de Março, no Palácio Foz, o Conselho Nacional de Turismo, afim de debater alguns problemas do turismo português e estudar as soluções possíveis neste momento.

Estiveram presentes mais de 60 convidados e presidiu o Sr. António Ferro, que principiou por expôr os objectivos fundamentais da reunião. Deu, em seguida, alguns esclarecimentos àcerca do funcionamento do S. N. I. quanto à actividade turística, acentuando as dificuldades com que este organismo luta nas suas relações com as entidades locais de turismo, provenientes de algumas disposições do Código Administrativo. Referiu-se à exiguidade das verbas de que o S. N. I. dispõe no capítulo de turismo (apesar do aumento que se verificou no corrente ano) que não lhe permitem ainda lançar-se em grandes realizações. Acentuou também que tem encontrado a melhor compreensão para a realização dos seus planos, por parte do Governo. Procurou demonstrar, depois, que não será fácil realizar um grande e eficaz plano de propaganda turística através de publicações ou outras formas publicitárias, se todos aqueles a quem o problema interessa não conjugarem os seus esforços para a criação dum fundo para propaganda turística, para o qual contribuirão, ao lado do Estado, todas as organizações com interesses ligados a esta indústria.

Criou-se a ideia falsa em Portugal de que o Governo pode e deve fazer tudo — talvez, precisamente, pela grande capacidade de realização que o Estado tem demonstrado nos últimos anos. Mas há limites para tal capacidade realizadora O S. N. I., na parte que lhe interessa, tem feito o que tem podido, e as suas publicações, na opinião de muitos estrangeiros e de muitas autoridades na matéria, podem considerar-se modelares. Mas é evidente que uma edição de 10 ou 20 mil exemplares, por melhor que seja, se perde no Mundo, como agulha em palheiro... De modo que o problema é claro: Ou os organismos públicos e privados interessados na questão, reunem os seus esforços para a realização de um plano de publicações turísticas, orientado pelo S. N. I. — para garantia da sua unidade e do seu gosto — ou a obra continuará, mas nas proporções em que lhe for possível desenvolver-se.

Depois de outras largas considerações sobre o assunto, apresentou as seguintes sugestões: — Criação de uma grande Comissão com representantes dos Serviços de Turismo do S. N. I., do Conselho Nacional de Turismo e das organizações particulares interessadas no problema, para se estabelecer um plano mínimo de realizações indispensáveis para enfrentar o problema, no momento presente. Essa mesma Comissão estudaria também a realização, em 1950, de um Congresso Nacional de Turismo e, simultâneamente, a organização de uma visita dos representantes das principais agências de viagem, da Europa e da América, ao nosso país, visto que tais agências se podem considerar as fontes de turismo, pois são elas que fazem o bom ou o mau «clima turístico», que podem ou não criar as correntes de visitantes para este ou aquele país. Ao mesmo tempo, poder se-ia também convidar um grupo de jornalistas, correspondentes aos países representados.

Salientou que não lhe parecia justo que se acusasse o S. N. I. de não ter feito lá fora a suficiente propaganda turística de Portugal. Se há um aspecto na obra do S. N. I. em que julga que todos estão de acordo, é na contribuição que este organismo tem dado para o bom ambiente de que o nosso país gosa hoje em todo o Mundo.

Era essa a primeira campanha a vencer, a campanha do prestígio, e também a mais difícil. Sem esse ambiente de respeito e, ao mesmo tempo, de curiosidade — produto, acima de tudo, da obra do actual regime — qualquer outra propaganda teria sido inútil.

PRINCIPAIS MONUMENTOS MANUELINOS

VIANA DO CASTELO

M Convento de Sant'Ana — *portal e claustro (1510)*; Solar Costa Barros — *na rua de S. Pedro, tem uma bela janela*; Casa da Carreira — *fachada manuelina.*

B Igreja de S. Domingos — *fachada*; Igreja de S. Bento — *reconstrução de 1710, tem boa obra de talha*; Senhora da Agonia — *(1752-55)*; Capela e Palácio dos Malheiros Reymões.

CAMINHA

M Igreja Matriz — *construção dos princ. do séc. XVI, obra dos biscainhos Pero Galego e Tomé Tolosa*; Casa dos Pitas.

MONÇÃO

M Igreja Matriz — *Capela manuelina de 1521.*

B Palácio da Brejoeira — *construção residencial (1806-28).*

BRAGA

M Catedral — *a capela-mor onde está a magnífica escultura «Virgem do Leite», é das melhores obras manuelinas (1509), obra de biscainhos*; Casa dos Coimbras.

B Catedral — *tem rica obra de talha e azulejos*; Igreja de St.ª Cruz — *fachada e talha (1625)*; Igreja de S. Vitor — *altares e talha*; Hospital de S. Marcos — *construído por Cruz Amarante*; Igreja do Pópulo — *do séc. XVII e reconstruída no séc. XVIII, interessante fachada, obra deste mesmo arquitecto*; Igreja do Convento de Tibães; Bom Jesus — *do fim do séc. XVIII*; Solar do Visconde de S. Lázaro.

GUIMARÃES

B Igreja de S. Francisco — *sacristia*; Santa Marinha da Costa — *do séc. XVIII, com boa talha e painéis de azulejos*; Convento de St.ª Clara — *fachada, 1741*; Igreja dos Santos Passos — *fins do séc. XVIII*; Palácio dos Lobos Machados — *solar do séc. XVIII.*

BARCELOS

M Convento de Vilar de Frades — *a igreja foi reconstruída em fins do séc. XVI, tem bons azulejos mas do séc. XVIII.*

B Igreja do Senhor da Cruz — *reconstruída em 1705*; Igreja do Terço — *belos azulejos do séc. XVIII.*

VILA DO CONDE

M Igreja do Convento de St.ª Clara — *tem de relevo a capela funerária (1526)*; Igreja Matriz — *obra de biscainhos e do português Gonçalo Anes (1500-18).*

B Convento de St.ª Clara — *fachada monumental do fim do séc. XVIII.*

PORTO

M Igreja de S. Francisco — *a capela.*

B Igreja e Torre dos Clérigos *(1748-63)*; Igreja da Misericórdia *(1750)*; Catedral — *a fachada lateral norte, de 1736 — todas do risco de Nazoni*; Igrejas do Carmo *(1619-28)*; Universidade — *a fachada, obra de Cruz Amarante (1807)*; Igreja de S. Bento da Vitória — *risco de Diogo Marques (1597-1646)*; Igreja de S. Francisco — *reformada no séc. XVI, tem rica obra de talha dos sécs. XVII e XVIII*; Hospital de St.º António — *construção imponente (1770-95); antigo* Paço Episcopal, *reconstruído em 1772*; Igreja de St.ª Clara — *interior revestido de obra de talha dourada, de 1593*; Igreja de St.º Ildefonso — *de 1730; etc., etc. — O Porto, que se pode chamar de Capital do Barroco, possui um valioso conjunto de belas construções da época.*

AMARANTE

B Convento de S. Gonçalo — *das principais construções barrocas (sécs. XVI, XVII e XVIII), na igreja belos azulejos e talha*; Igreja de S. Pedro — *azulejos e tetos apainelados.*

VILA REAL

B Solar de Mateus — *bela residência do séc. XVIII.*

FREIXO DE ESPADA À CINTA

M Igreja Matriz — *de construção inteiramente manuelina é a maior igreja de Trás-os-Montes.*

VISEU

M Catedral — *as naves rematadas pela abóbada dos nós (1513)*; Janela — *a mais bela, na torre da rua D. Duarte.*

B Catedral — *corpo central da fachada (séc. XVII) e obra de talha e azulejos*; Igreja da Misericórdia — *fachada (séc. XVIII).*

S. JOÃO DA PESQUEIRA

B Solar — *bem representativa residência setecentista.*

LAMEGO

M Igreja de St.ª Maria de Almacave — *tem notável púlpito quinhentista*; Catedral — *fachada do séc. XVI.*

B Catedral — *reconstruída por Nazoni em 1734*; Santuário de N.ª S.ª dos Remédios — *de 1750-61, tem uma das mais belas fachadas.*

GUARDA

M Catedral — *o monumento mais influenciado pela Batalha, é obra de alguns dos mestres que ali trabalharam. A fachada e as naves datam da época manuelina*; Janelas — *na rua de D. Sancho I.*

B Igreja da Misericórdia — *fachada, altares e púlpitos no puro gosto D. JoãoV.*

AVEIRO

B Igreja das Carmelitas — *tem interesse particular a talha dourada e os azulejos (1628-48)*; Senhor Jesus das Barrocas — *capela octogonal (1707-32) com três belos portais*; Convento de Jesus (Museu) — *profusa obra de talha dos sécs. XVII e XVIII e o* Túmulo *da princesa St.ª Joana (1699).*

COIMBRA

M Mosteiro de St.ª Cruz — *inteiramente reformado no princ. do séc. XVI por Boitaca. O «claustro do silêncio» é de Marcos Pires e o «portal da magestade» de Diogo de Castilho. Na capela-mor os túmulos de D. Afonso Henriques e D. Sancho I*; Capela — *na Universidade, é de Marcos Pires (1517)*; Sub-Ripas — *palácio residencial de 1514*; Pias batismais — *uma dos Anriques está na Sé Nova, outra atribuída a Diogo Pires, o Moço, esta mais bela, está na Sé Velha.*

B Convento de St.ª Clara — *obra de Frei João Turriano, com imponente claustro (1649-77) e bela obra de talha na igreja*; Sé Nova — *igreja jesuíta dos fins do séc. XVI com obra de talha de sumptuosa execução, é um dos principais monumentos do barroco*; Colégio do Carmo; Universidade — *a sala dos capelos (1655) e a biblioteca (1723)*; Colégio Novo — *o claustro é atribuído a Filipe Terzo (1593-96).*

TOMAR

M Convento de Cristo — *particularmente a grande nave, o portal, o coro e as grandes janelas. Obra de Diogo de Arruda e de João de Castilho*; Igreja de S. João Baptista — *o coruchéu é tìpicamente manuelino e um dos maiores que restam.*

SANTARÉM

M Convento de S. Francisco — *as duas portas manuelinas*; Igreja de Marvila — *o portal e a capela-mor*; Janela — *no n.º 12 da praça Sá da Bandeira.*

B Seminário — *de 1676, a fachada é uma das mais características das construções jesuíticas, a igreja é semelhante à de S. Roque de Lisboa*; Igreja da Misericórdia; Igreja da Piedade — *de 1664, arquitecto Jacome Mendes.*

BATALHA

M Mosteiro — *o portal das «capelas imperfeitas» e as janelas do claustro real. Obra de Mateus Fernandes*; Igreja Matriz — *portal datado de 1532.*

CALDAS DA RAINHA

M Igreja de N.ª S.ª do Pópulo (Matriz) — *a torre é das poucas que ficaram da época, o interior é um dos mais originais.*

TORRES VEDRAS

M Igreja de S. Pedro — *o portal*; Convento do Varatojo — *os belos portais das capelas da galeria inferior do claustro.*

MAFRA

B Mosteiro — *obra de Frederico Ludovice (1717-30).*

SINTRA

M Paço da Vila — *reconstruído na época manuelina é o palácio mais belo da arquitectura civil.*

E BARROCOS EXISTENTES EM PORTUGAL

LISBOA

M Torre de Belém — *obra de Francisco de Arruda (1513-21);* Igreja dos Jerónimos — *obra de Boitaca, João de Castilho e Chanterenne, é dos mais belos monumentos manuelinos;* Igreja da Conceição Velha — *a fachada foi da igreja de N.ª S.ª da Misericórdia;* Igreja de Chelas — *o portal;* Igreja da Madre de Deus — *portal e claustro;* Igreja da Madalena — *portal.*

B Igreja de S. Vicente de Fora — *terminada em 1629, é de Filipe Terzo;* Convento de St.º Antão *(Hospital de S. José) — A Sacristia, a maior do país, é a actual capela, sumptuosa pelos seus mármores de cores e arcazes de pau santo;* Igreja de St.ª Engrácia — *do séc. XVII, ficou incompleta e foi seu primeiro arquitecto João Antunes (1682);* Igreja dos Paulistas — *é um dos templos mais belos de Lisboa;* Igreja de S. Roque — *obra de Filipe Terzo, do fim do séc. XVI. O interior é notável;* Basílica da Estrela — *risco dos arquitectos Mateus Vicente e Reinaldo Manuel, ambos da escola de Mafra (1779-90);* Terreiro do Paço — *risco de Eugénio dos Santos;* Palácio do Marquês de Pombal *(em Oeiras) — é um dos solares mais característicos do séc. XVIII — obra de Carlos Mardel;* Palácios: *das Janelas Verdes, do séc. XVII; dos Condes de Almada; das Galveias, do séc. XVII; dos Galvões Mexias; vários no Bairro Alto; da Mitra, do séc. XVII; etc., etc.*

SETÚBAL

M Igreja de S. Julião — *portais de João Favacho, de cerca de 1513;* Igreja de Jesus — *obra de Diogo de Boitaca do fim do séc. XV, tem particular interesse as colunas torsas.*

B Castelo de S. Filipe — *construção de Filipe Terzo, é o mais belo castelo barroco do país.*

PORTALEGRE

M Mosteiro de S. Bernardo — *túmulo do seu fundador, o bispo D. Jorge de Melo (1518-31);* Casa dos Condes de Vila Real — *as quatro janelas quinhentistas.*

B Convento e Igreja da Conceição (S. Bernardo) — *azulejos de 1739 que decoram um vasto pátio;* Hospital da Misericórdia — *fachada setecentista;* Câmara Municipal — *do séc. XVIII;* Sé — *fachada terminada no séc. XVIII. Tem a maior colecção de retábulos de talha, decorados de pinturas em madeira, de fins do séc. XVI. Na sacristia, arcazes de pau-brasil (D. João V);* Palácios: *Solar dos Póvoas e o dos Britos, séc. XVII — Episcopal, séc. XVIII — Casa Amarela, sécs. XVII e XVIII.*

ELVAS

M Catedral — *a torre piramidal e os portais laterais, nela trabalhou Francisco de Arruda, 1517;* Mosteiro dos dominicanos — *a ante-sacristia tem abóbada artesoada manuelina.*

B Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco — *capela-mor de exuberante obra de talha;* Igreja de S. Salvador *(antiga igreja dos jesuítas) — a capela-mor é toda de talha dourada seiscentista;* Catedral — *a capela-mor com altar de mármore do séc. XVIII;* Igreja de S. Domingos *(frades) — fachada dos sécs. XVII e XVIII;* Forte de St.ª Luzia — *do séc. XVII;* Portas da cidade.

ARRONCHES

M Igreja Matriz — *portais laterais e naves.*

ESTREMOZ

B Igreja de St.º André — *fachada;* Convento de S. Francisco — *capela-mor do séc. XVII, fachada do princ. do séc. XVIII;* Palácio da Tocha — *construção do séc. XVIII;* Palácio dos Marqueses da Praia; Portas da cidade.

VILA VIÇOSA

M Paço dos Duques de Bragança — *claustro, de 1505, para onde se abre a porta da capela.*

B Igreja da Lapa — *obra de José Francisco de Abreu (1756);* Câmara Municipal — *obra deste mesmo arquitecto (1754-57);* Igreja de S. Bartolomeu — *valiosa talha na capela-mor, azulejos, fachada de mármore branco (1636);* Convento de Santo Agostinho — *templo cheio de carácter do séc. XVII.*

BORBA

B Convento das Servas — *do séc. XVII;* Quinta do General — *do séc. XVII;* Fonte Monumental — *do fim do séc. XVIII.*

ÉVORA

M Paço Real *(Galeria das Damas) — atribuído a Martim Lourenço e a Diogo e Francisco de Arruda. Tem elegantes janelas e arcos mudejares;* Igreja de S. Francisco — *do fim do séc. XV, é um dos principais monumentos da época:* Convento dos Lóios — *o claustro;* Casa de «Garcia de Rezende» — *a janela manuelina;* Igreja de S. Braz — *do fim do séc. XV, é o mais antigo monumento manuelino;* Palácios: *dos Vimiosos e o dos Cordovis, neste tem interesse o mirante.*

B Convento da Graça — *de meados do séc. XVI é das primeiras manifestações do barroco. A fachada com grandes esculturas e o claustro;* Colégio do Espírito Santo *(antiga Universidade) — em que trabalhou Manuel Pires, tem obra de talha e azulejos dos sécs. XVI e XVII. No pátio, fachada da Sala dos Actos em mármore branco (antiga capela);* Igrejas de St.º Antão e da Cartuxa — *altares em talha do fim do séc. XVII;* Igreja de St.ª Clara — *do séc. XVII, tem fachada de granito com grandes portais, nave inteiramente coberta de azulejos e bela composição de pintura na abóbada;* Igreja da S.ª da Pobresa — *do séc. XVIII;* Catedral — *a capela-mór, de Ludovice, é maior que a de Mafra, obra de meados do séc. XVIII.*

ALCAÇOVAS

M Igreja Matriz — *dos sécs. XVII e XVIII.*

VIANA DO ALENTEJO

M Igreja Matriz — *notável construção do séc. XVI;* Água de Peixes — *palácio dos duques de Cadaval, com janelas mudejares.*

ALVITO

M Castelo — *do fim do séc. XV, tem curiosas janelas no estilo de Évora, Água de Peixes e Beja;* Igreja Matriz — *dos sécs. XV e XVI.*

CAMPO MAIOR

B Igreja de S. João Báptista — *do séc. XVIII, é toda revestida de mármores de cores;* Convento de St.º António — *fachada do séc. XVIII.*

MOURA

M Igreja de S. João — *com portal semelhante ao de Viana do Alentejo;* Convento do Carmo — *claustro, sacristia e refeitório.*

BEJA

M Convento da Conceição — *de 1459, denota influência da Batalha;* Igreja de St.ª Maria — *pórticos;* Janela — *na rua Afonso Costa, 53;* Hospital — *do séc. XV, é a construção deste género que está mais conservada.*

B Palácio — *do séc. XVII, no 14 da rua Esquivel;* Colégio dos Jesuítas.

SERPA

M Convento de St.º António — *pórtico, coro, claustro e sala do capítulo (1463-1502);* Castelo — *com janelas do séc. XVI.*

FARO

B Catedral — *Capela das relíquias;* Igreja de S. Francisco — *talha do séc. XVIII;* Palácio Episcopal — *azulejos policromos;* Igreja do Carmo — *do séc. XVIII.*

TAVIRA

M Igreja da Luz de Tavira — *portais.*

B Igreja de St.ª Maria do Castelo — *fachada;* Palácios — *do séc. XVIII.*

LAGOS

B Capela de St.º António — *tem um belo conjunto de talha.*

LOULÉ

M Igreja da Misericórdia — *portal e janela.*

S. BARTOLOMEU DE MESSINES

M Igreja Matriz — *do princípio do séc. XVI, com colunas torsas semelhantes às da Igreja de Jesus, de Setúbal.*

M MONUMENTO MANUELINO
B MONUMENTO BARROCO

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

Duas oportunas publicações culturais do S. N. I.

Por intermédio da Secção de Intercâmbio Luso-Brasileiro, o Secretariado Nacional da Informação acaba de editar duas excelentes obras, elaboradas com o fim de o referido organismo se associar às comemorações do IV Centenário da Fundação da Baía, que vai celebrar-se nessa cidade brasileira, de Abril a Novembro do ano corrente.

Trata-se de um estudo de investigação histórica da autoria do escritor Eduardo Dias, intitulado de «A Terra da Vera Cruz na Era de Quinhentos», e o «Sermão Pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as da Holanda», do Padre António Vieira.

O «XVI Congresso Internacional de História de Arte» — em Lisboa

Salientámos em breves palavras, no pórtico do presente número, a invulgar importância e o alto significado da realização em Lisboa — a partir de 18 de Abril — do «XVI Congresso Internacional de História de Arte», sob a presidência do Prof. Dr. Reinaldo dos Santos. Devemos, agora, registar o facto de tomarem parte nos respectivos trabalhos mais de trezentos historiadores e críticos de diversos países, tais como: Argentina, Bélgica, Egipto, Espanha, Estados Unidos, França, Grécia, Inglaterra, Itália, Noruega, Suécia, Suíça e Holanda.

Deste modo, alguns dos maiores vultos ligados à História de Arte virão a Portugal, entre os quais os professores Van Puyvelde e Fierens, da Bélgica; Ahmed Fikry, da Alexandria; marquês de Lozoya, Camon Aznar, Puig y Cadafalch e Sanches Canton, de Espanha; Constable, Cook e Robert Smith, dos Estados Unidos; miss Mitchel, da «Unesco»; Marcel Aubert, Jean Babelon, Germain Bazin, René Huygue, Elie Lambert, Louis Reau e Georges Salles, de França; Foundounkidis, da Grécia; Van Gelder, Ozinga, Regteren Altena e Voremkamp, da Holanda; sir A. Barlow, sir Leigt Ashton e Philip Hendy, de Londres; Lavagnino e Venturi, da Itália; Bugge, da Noruega; Roosval, de Estocolmo; e Paulo Ganz, da Suíça.

O Museu de Arte Antiga aproveitará a ocasião para expor a notabilíssima colecção de pintura flamenga existente na Ilha da Madeira — e que, pela primeira vez, se mostra ao público, mercê da concessão feita pelo sr. bispo do Funchal, com a colaboração da Junta Geral daquele distrito autónomo.

Outras exposições se efectuarão, como a do Restauro de Pinturas, nas Janelas Verdes; a de Escultura Medieval, em Coimbra; a das Artes Decorativas, dos séculos XVII e XVIII, no Porto; e ainda uma de fotografia de monumentos portugueses, no Instituto Superior Técnico.

Realizar-se-ão excursões a Tomar, a Mafra e Sintra, a Évora, à Arrábida, Setúbal, Viseu, Coimbra e Porto, e a Braga, estando ainda em projecto uma visita dos congressistas a Santiago de Compostela.

O Congresso encerrar-se-á no dia 24, no Porto.

Uma obra monumental «Da Famosa Arte da Imprimissão»

Pode considerar-se um autêntico monumento da bibliografia nacional contemporânea o volume recentemente publicado pela Editora «Ulisseia», Limitada, em Lisboa, sob o título «Da Famosa Arte da Imprimissão», de tal modo se destaca de tudo quanto sai, habitualmente, dos nossos prelos.

À seriedade e brilho literário das quinhentas aliciantes páginas do texto, de que é autor Américo Cortez Pinto, correspondem, numa harmonia excepcional, a magnificência e o requinte da elaboração gráfica, levada a efeito sob a direcção de Luís Reis Santos.

Cerca de cincoenta gravuras e de trinta estampas extra-texto ilustram este admirável trabalho de consciencioso investigação, cuja tábua geral dos capítulos nos dá ideia do valor substantivo dos temas tratados e do rigoroso método seguido pelo historiador: — *Artes do livro; Monumentos e tradições; Os primeiros documentos; O documento de Nuremberg; A primeira indústria do papel; Judeus e cristãos; A Imitação de Cristo; As «Cartinhas» de D. Diogo; As Coplas do Infante; A Imprensa e o livro ao serviço das Descobertas; A descoberta da Imprensa e a sua introdução em Portugal*, etc.

A «mise-en-page», o papel, os tipos, a composição e impressão, as capitulares e vinhetas, os caracteres do título, as dimensões e espessura da lombada, as cores e a própria encadernação — tudo obedeceu a um estudo criterioso, a um gosto impecável e a uma técnica inexcedível, resultando o conjunto um quase prodígio de *equilíbrio arquitectónico* que dignifica as artes gráficas nacionais e honra altamente os Autores, a empresa editora e as oficinas a que a nossa bibliografia fica devendo esta obra monumental.

1.º Salão Nacional de Artes Decorativas

Deve inaugurar-se no dia 1 de Maio, no Palácio Foz, o 1.º Salão Nacional de Artes Decorativas, promovido e organizado pelo S. N. I., o qual constituirá, além de apreciável demonstração da capacidade realizadora dos industriais portugueses e das qualidades dos artistas decoradores que com eles trabalham em estreita colaboração, um valioso documentário do estilo da época actual nos vários sectores dessa actividade, e uma lição de bom gosto, aproveitável para todos.

PANORAMA dedicará, no próximo número, algumas páginas ilustradas a este notável acontecimento.

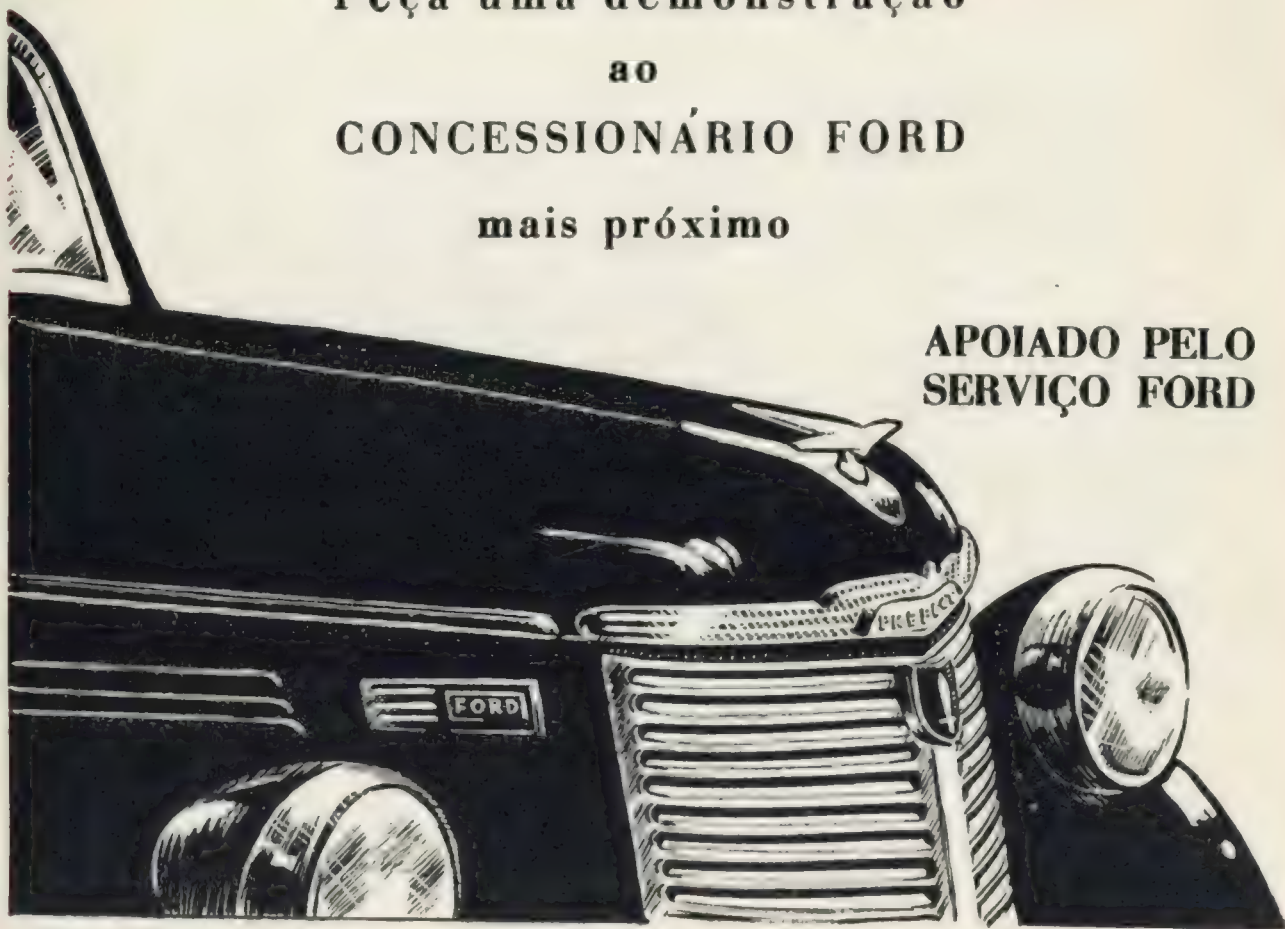
Panorama regista

* O facto de Caminha, Fornos de Algodres e Castelo de Vide terem obtido, respectivamente, no 8.º Concurso das Estações Floridas, o 1.º, 2.º e 3.º prémios, e ter sido concedida a Runa, extra-concurso, uma dupla menção honrosa especial.
* A recente inauguração, em Elvas, de um bom hotel: — o «Hotel Alentejano».
* As importantes remodelações que estão a efectuar-se no «Hotel Sul-Americano», nas Caldas de Vizela, sendo provável que ascenda, na classificação oficial, à categoria de hotel de 1.ª classe.
* As obras em curso, no Parque do Balneário das mesmas Termas, de uma Casa de Chá, uma Carreira de Tiro, um Miradouro e outros melhoramentos.

NOS PRÓXIMOS NÚMEROS:

A PROVÍNCIA PORTUGUESA

ASPECTOS DA MADEIRA

AS ILHAS DOS AÇORES

A ARTE BARROCA DE PORTUGAL E DO BRASIL

(Conclusão)

de uma obra panegírica do Padre Senhere, publicada na oficina Deslandes em 1692. O complicado adorno das cornijas da Capela Dourada sugere a possibilidade de influências mouriscas, sempre inerentes à arte peninsular, e que mais tarde, em Portugal, originaram as maravilhosas *lacerias* do convento de Jesus de Aveiro.

Na sua primeira fase joanina, a talha de Lisboa, de que tão poucos fragmentos escaparam à tragédia do terramoto, torna-se mais movimentada, aumentando ao mesmo tempo a escala decorativa, o ritmo do movimento e o tamanho das imagens. Essas, agora verdadeiras estátuas, empregam-se pela primeira vez como actores no drama da talha. Anjos grandiosos servem de apoio às bases das colunas, que imitam efeitos metálicos, no altar-mor da Igreja dos Paulistas. Companheiras das imagens da portada do Senhor das Barrocas, as estátuas sentadas no arco do altar e aos lados da capela-mor, tomam semelhantes atitudes teatrais. A esplêndida talha desta igreja de Lisboa manifesta na sua força rítmica e perfeição de trabalho o apogeu do movimento metropolitano, que teve no Porto repercussões tão felizes nas igrejas de S. Francisco e Santa Clara. Interessante o contraste com as versões provincianas, que interpretam os imponentes modelos através da ingenuidade da poesia popular. O altar erigido em 1722 no templo de S. José de Ponta Delgada pelo Bispo de Angra, D. Manuel Álvares da Costa, deforma os anjos de Lisboa no meio duma floresta de espessas folhas de acanto, volutas audaciosas e cestos de flores. Alguns desses anjos sustentam frutas tropicais, alusão talvez à vida de D. Manuel da Costa no Brasil, onde de 1710 a 1715 foi Bispo de Pernambuco. Outro dos anjos de Ponta Delgada que figura entre cabeças de baleia ou de golfinhos fantásticos evoca, nestes símbolos marítimos, mais recordações da arte manuelina.

A última fase da talha barroca portuguesa, no Sul como no Norte, celebra o predomínio do rococó. Sempre mais precoce que a arquitectura, a escultura de madeira entra nesta fase já no reinado de D. João V, repetindo-se em formas mais delicadas sob D. José e D. Maria I. O enorme altar do Rosário que o engenheiro Manuel Pinto Vila Lobos riscou em 1746 e Domingos Magalhães executou para a Igreja de S. Domingos, na característica cidade de Viana do Castelo, alcança nos seus pormenores, como na sua totalidade, a firme expressão do estilo rococó do norte. As molduras ondulantes do camarim, as assimetrias dos painéis laterais, os fustes enfeitados de espinhosas conchas e rosas em caracol, a espuma dos florões das mísulas, assim como as superfícies das pilastras engrinaldadas, que tantas relações têm com a arte austríaca da época, todas provam que a madeira cede às complicadas fórmulas torêuticas ainda com mais voluptuoso abandono que a pedra.

O barroco português, importante e expressivo capítulo na história daquele movimento, mostra um desenvolvimento lógico e regular em relação às expressões periódicamente diversas de outros países. No início essencialmente conservador, o barroco teve na sua primeira metade uma fase negativa, que corresponde ao século XVII. Na época seguinte veio a sua manifestação positiva, mais característica no Norte. Aproveitando influências estrangeiras, a arte barroca conseguiu dominá-las e combiná-las com robustas sobrevivências das mais autênticas tradições artísticas da raça portuguesa.

ROBERT G. SMITH

O CALHARIZ DA ARRÁBIDA

(Conclusão)

Descrever todo o palácio, no seu corpo central e nos dois corpos laterais, provido de centenas de janelas, com biblioteca, numerosas salas azulejadas, quartos e pátios interiores, ocuparia muito espaço. Demos, pois, uma saltada à capela ornada de ricos azulejos, com tribuna reservada, óleos de assuntos sacros entre os quais se conta um Cristo de boa factura, e entremos na pequena sacristia a admirar um presépio digno de atenção.
O corpo lateral direito deita para espaçosa varanda, debruçada sobre o jardim recortado em canteiros de buxo, talhado num recanto da várzea que ao longe nos mostra a mancha negra da vacada brava. Sobre as nossas cabeças, passam em voos irisados os pavões flamantes.
E naquele fim de tarde ao atravessar do pátio gradeado, na dianteira do palácio, o jovem Marquez do Fayal, José Palha e eu traçamos na fantasia um brinco de toiros, como se fazia no XVII *século, ali, em ambiente próprio, que redundaria em festa evocatória e brilhante. Fácil será armar a liça ao sabor do tempo. Palha oferece-se para fazer de «neto»; mas eu lembro-lhe que ele é avô... Como a evidência dos factos não oferece contestação, limitamo-nos a arquitectar o cenário, a viver em sonho o que bem poderá vir a ser realidade.*
O sol escondeu-se por detrás dos montados, o crepúsculo desce em penumbras a desenrolar o tapete das sombras sobre os recortes da serra...

* * *

A manhã de segunda feira tem o seu programa traçado: aposentos, cavalariças, cocheiras, celeiros... Depois, uma descida até Cesimbra, (a Zambra *dos romanos) tomada por D. Afonso Henriques em 1165, depois de ter derrotado o rei moiro de Badajoz. Antes, apeamo-nos no castelo sobranceiro à vila que se vê, em baixo, acachapada junto ao mar.*
Após entrada por saída na vilória que vive muito do mar, e tem a essa hora o porto coalhado de barcos de pesca, subimos para o Calhariz onde o carro nos põe em poucos minutos a comer os dez quilómetros de estrada.
Uma vez regressados ao ambiente senhorial, eis-nos de novo na varanda a olhar o jardim ao qual desço para ver uma memória de quatro colunas, rematadas por uma cúpula em cujo suporte circular que assenta sobre as colunas, se lê:

PRIMO PALMELL DUCI FILLI TALI PATRE
SUPERBIENTES DICAVERUT VIII ID MAI
ƆIƆCCXLVIII

Penso, mera hipotese, que aquelas colunas terão vindo para ali das ruinas do templo de Apolo que se diz ter existido no Cabeço Formosinho. Hoje, dizem-me que nem sequer vestígios se encontram.

....

MOTTA CABRAL

(Do livro «À Rédea Solta», a sair do prelo).

A ARRÁBIDA E O SEU CONVENTO

(Continuação)

Com prazer o visitava o Duque e para se alojar sempre que lá ia, manda construir a *Casa de Romagem*, que considera abrigo suficiente para si e para o criado que o acompanhava. Ao Convento e à serra chamava a pedra mais preciosa do colar do seu ducado. Por aqui se demorava com seus filhos, caçando os veados e as corças das coutadas ricas ou pescando nas águas límpidas que vêm morrer na *Lapa de Santa Margarida*, acima da qual o *Penedo do Duque* recorda a sua presença. Quantas tardes ali teria passado, conversando com Frei Agostinho da Cruz, que o ajudava nas suas pescarias! E, juntos, o grande fidalgo e o humilde frade, comungavam no amor da montanha linda, que a ambos proporcionava bem diversos prazeres.

Para o feliz dono dessa rara maravilha, o Convento de tão austera reforma é motivo de justificado orgulho. Se, ao bater à portaria, lhe diziam estarem os frades em oração, não consentia que o porteiro prevenisse o Superior, e na capela aguardava, de joelhos, que os actos do culto terminassem. Talvez fosse nesse mesmo lugar onde, um mês antes da sua morte, sentindo-se já perto do fim, pediu aos arrábidos lhe dessem o abrigo eterno.

«Aqui, padres, onde me vedes, me haveis de enterrar» — rogou, depois de ter comungado e ajudado à missa do seu confessor.

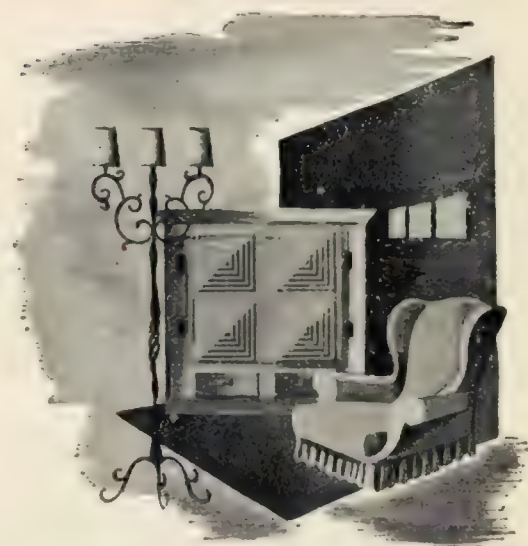
Começam então a descer a vertente, completando obra iniciada por D. Álvaro, as *Ermidas*, que o cronista chama *Imperfeitas* e que, devido à saída da Duquesa após a Restauração, hão-de ficar «completas para o ornato da serra, imperfeitas pela falta do seu acabamento». Ergue-se também, no romântico vale de *S. Paulo*, a capela hoje tão profanada, e, em severa e formosíssima moldura de rochas, a de *S. João do Deserto*, que se debruça de quase inacessível terreiro.

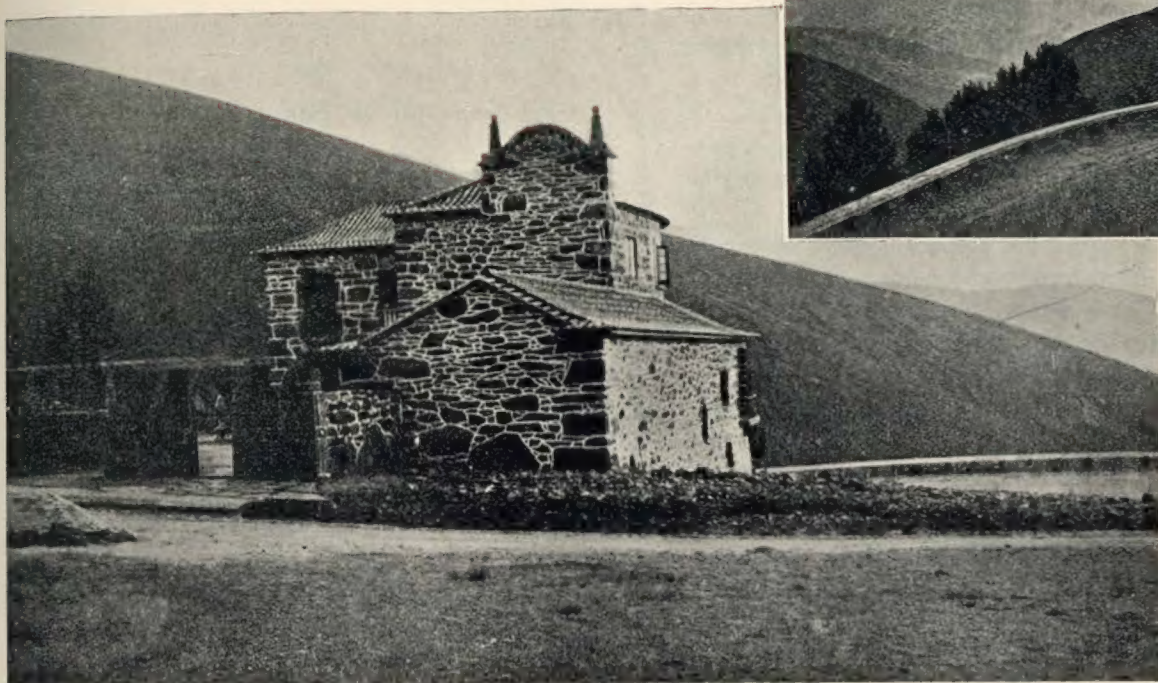
Não alindava ainda a paisagem a artística capela oitavada do *Bom Jesus*, que a devoção de D. António, 15.º filho de D. Álvaro, fará construir em breve.

Uma outra moradia, modesta, ligada à da Duquesa por formosa alameda, surge entre o arvoredo. Vai servir de abrigo a Pedro de Mesquita Carneiro, secretário do 3.º Duque, o qual desempenhou o mesmo cargo junto da mulher de seu filho. São as *Mesquitas* e perto um íngreme atalho desce até à praia, onde os padres têm sua simples pousada, hoje adaptada a habitação do Senhor Marquez do Fayal.

Ao fundo do corredor da Portaria abre-se a entrada para o *Jardim de S. Pedro de Alcântara*, a que o cronista da Arrábida chama também claustro. E, na verdade, o ambiente convida à meditação, eleva o pensamento, repousa o espírito.

... ...

Mas não... Vão decorridos dois séculos, e, no pobre jardim em tão triste abandono, desvaneceu-se há muito a sombra do burel remendado. Já não se rezam breviários nos encantadores bancos entre canteiros, onde as sardinheiras a custo rompem, sequiosas. Nenhuma lanterna pende do gancho de ferrro perto do nicho de S. Pedro de Alcântara, e, se o luar o não transfigura, tudo nele é densa treva, quando a noite

POUSADA DE S. GONÇALO

SERRA DO MARÃO

A Pousada de S. Gonçalo, confortável e hospitaleira, fica entre Amarante e Vila Real, perto do Alto de Espinho, a 885 m. de altitude. O local é miradouro de largos e lindos horizontes, cenário de maravilha por onde a vista se dilata com regalo. — Telefones 1004 Candemil e 16 Amarante.

A ARRÁBIDA E O SEU CONVENTO

(Conclusão)

cai sobre a serra. Adormecido jardim, original claustro, a auréola do seu passado, os restos da sua beleza conseguem ainda fazer sonhar quem o pisa com amor. Embora assim tão arruinado, o Convento guarda um encanto irresistível. Não podemos subir com indiferença suas íngremes escadas, que vão findar em terraços ladrilhados, abrindo-se sobre horizontes incomparáveis, nem passar descuidosos nos seus corredores apertados entre celas acanhadas e a sombra de brutas, irremovíveis rochas. A cada canto o passado nos fala. Espreitam aqui e além as rubras sardinheiras, abre difìcilmente o seu caminho o tronco duma planta silvestre. Cactos rompem a custo em recessos inesperados, onde um banco corta a sequência da parede e se encrava na rocha, aproveitando as suas concavidades para encosto e docel. E tudo é primitivo, singularmente atraente, tudo nos transporta a um mundo diferente daquele em que os nossos olhos dia a dia se pousam.

Nos planos irregulares do Convento, trepando pela serra, acomodando-se entre bosques e penedos, a Arrábida, suprema maravilha, está sempre presente.

DULCE PERESTRELLO

(Do livro «A Serra da Arrábida e o seu Convento»)

VALORIZAÇÃO TURÍSTICA DA SERRA DA ESTRELA

Na pousada de S. Lourenço, nas Penhas Douradas, reuniram-se os presidentes das Câmaras Municipais da Covilhã, Manteigas, Gouveia e Seia e das comissões de turismo daqueles dois primeiros concelhos, para estudo de um plano de valorização turística da zona central da serra da Estrela. O S. N. I. estava representado pelos srs. António Lopes, António Nunes e pelo artista Tomás de Melo. Foram discutidos vários problemas de ordem geral e resolveu-se que as Câmaras Municipais apresentassem um memorial sobre os valores turísticos da zona servida pela nova estrada de penetração na serra, e sobre as possibilidades locais para a montagem do respectivo equipamento hoteleiro e desportivo. Ficou também resolvido que os quatro concelhos serranos organizem e ponham em imediata execução larga propaganda dos atractivos naturais da sua zona. Depois de concluído este estudo, serão chamados a colaborar os Municípios servidos pela estrada de Circunvalação da serra, recentemente ligada nas Pedras Lavradas e que passa na Covilhã, Belmonte, Guarda, Celorico da Beira, Gouveia, Seia, Loriga, Unhais da Serra e Tortozendo. Nos estudos já realizados prevê-se a organização duma empresa concessionária para a exploração industrial do turismo da serra da Estrela.

PRIMEIRO CONCURSO DA COZINHA REGIONAL

Começam já a colher-se os resultados práticos deste concurso — mais uma feliz iniciativa do S. N. I. Nele se inscreveram bastantes concorrentes, de diversos pontos do país, com as suas ementas «à portuguesa», nas quais os melhores *petiscos* da região estão profusamente representados.

«Panorama», como lhe compete, dá a este concurso o merecido relevo, começando por aconselhar os seus leitores que visitem os estabelecimentos concorrentes, a fim de provarem os deliciosos *pratos* confeccionados nas suas cozinhas.

Para isso, indicamos aqui algumas dessas casas, e na impossibilidade de publicar a lista de todas as iguarias, limitamo-nos a registar algumas, deixando ao apetite do público a liberdade de escolher o que mais e melhor poderá ainda saborear...

ELVAS — POUSADA DE SANTA LUZIA

Domingos ...... Cachola com sarrabulho. *(De Dezembro a Abril)* Ensopado de miudezas. *(De Maio a Setembro)*

ÉVORA — PENSÃO EBORENSE

Domingos ...... *(Ao almoço)* Sopa à alentejana com ovos. Carne de porco à alentejana com ameijoas. Migas à alentejana com carne de porco.

ESTORIL — ESTORIL PALACE HOTEL

4.as feiras ...... *(Ao almoço)* Pargo assado à ribatejana.

Sábados .... *(Ao jantar)* Frango salteado à portuguesa.

MONTE ESTORIL — MONTE ESTORIL HOTEL

3.as feiras ...... *(Ao almoço)* Trouxas de vitela «à Ramalhão».

6.as feiras ...... *(Ao almoço)* Bacalhau «à Boca do Inferno».

BRAGA — PENSÃO RESTAURANTE ÁGUEDA
(no Bom Jesus)

Todos os dias... Cabrito assado com batatas e cebolas.

POVOA DE VARZIM — RESTAURANTE LEONARDO

Todos os dias... *(Ao almoço)* Peixe «à Poveira».

PORTO — RESTAURANTE BOCAGE
(R. de Santo Ildefonso)

2.as feiras ...... Pescada «à Caldas Glutão».
4.as feiras ...... Rojões «à moda do Minho».
Sábados .... Feijoada à portuguesa.

PORTO — RESTAURANTE PALMEIRA
(Trav. Passos Manuel)

2.as feiras ...... Sopa regional. Bolinhos de Bacalhau. Rojões à portuguesa.

4.as feiras ...... Sopa de grelos. Bacalhau «à Rosa do Adro». Arroz de Vitela «à Palmeira».

COLARES — RESTAURANTE CAMARÃO

Domingos ...... Dobrada com feijão branco. Vitela assada com batatas fritas.

REGATAS INTERNACIONAIS NA FIGUEIRA DA FOZ

A Figueira da Foz, terra de tradição no desporto do remo, vai este ano reviver as famosas regatas internacionais, que antes da guerra, durante anos consecutivos, se realizaram no magnífico estuário do Mondego e que além da repercussão que tinham no estrangeiro, tanto interesse sempre despertavam no País.

A iniciativa que tem o patrocínio da Direcção Geral dos Desportos, deve-se à Comissão Muncipal de Turismo, e a ela dá o seu indispensável concurso a Federação Portuguesa do Remo.

Os remadores portugueses vão ter agora ensejo de, numa prova internacional disputada no nosso País, afirmar as suas qualidades magníficas. Depois das suas brilhantes presenças nos campeonatos peninsulares e, ùltimamente, nas Olimpíadas, onde as tripulações de Aveiro e de Caminha foram apreciadas com calorosos elogios, o remo português tem nas regatas internacionais deste ano na Figueira o seu grande motivo de atracção.

Foram já convidadas a Inglaterra e a Espanha, em «shell»de 4 e 8, Suiça, em «shell» de 8, e a Holanda, Itália e França, em «shell» de 4 remadores.

As regatas estão marcadas para os dias 22, 23 e 24 de Julho.

O prémio principal é a «Taça Salazar», trofeu magnífico composto de 235 peças, todas trabalhadas em estilo manuelino, medindo 1,5 m. de altura e pesando aproximadamente 20 quilos.